



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIANNA NOGUEIRA

**A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE
PEDAGOGIA:
REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DE PROFESSORES E ALUNOS**

Londrina
2012



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



MARIANNA NOGUEIRA

**A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE
PEDAGOGIA:
REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DE PROFESSORES E ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Londrina
2012

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N778d Nogueira, Marianna.

A disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia : reflexões a partir das vozes de professores e alunos / Marianna Nogueira. – Londrina, 2012.
102 f. : il.

Orientador: Sandra Regina Ferreira de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Educação – História – Teses. 2. Pedagogia – História – Teses. 3. Formação de professores – Educação – Teses. 4. Historiografia – Teses. 5. História da educação – Estudo e ensino – Teses. 6. Universidade Estadual de Londrina – Teses. I. Oliveira, Sandra Regina Ferreira de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37(091)

MARIANNA NOGUEIRA

**A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE
PEDAGOGIA: REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DE
PROFESSORES E ALUNOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito para
obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Décio Gatti Junior
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Magda Madalena Tuma
Universidade Estadual de Londrina

Prof.^a Dr.^a Sandra R. F. de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 24 de abril de 2012

Dedico este trabalho à minha mãe
Sonia, por tornar possível meu retorno
à vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Sandra Oliveira, por me acolher, por compartilhar comigo seus conhecimentos e pela confiança, sempre me estimulando a alçar grandes voos.

As professoras Maria Luiza Abbud e Marta Fávaro e as alunas do Curso de Pedagogia que, gentilmente, se dispuseram a participar desta pesquisa tornando sua realização possível.

Ao professor Celso Luiz Junior, sempre prestativo, fornecendo material para composição dos estudos bibliográficos.

As professoras Magda Tuma e Marlene Cainelli pelas valiosas contribuições na banca de qualificação

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por subsidiar esta pesquisa.

As amigas Lidiane Lourençato e Ester Hinterlang por compartilharem comigo esta jornada.

A minha mãe Sonia e minha filha Ana Beatriz, pelo apoio e compreensão nos momentos de reclusão e estresse.

E, finalmente, a Mayflower, companheira fiel, sempre ao meu lado.

NOGUEIRA, Marianna. **A disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia**: reflexões a partir das vozes de professores e alunos. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

O objeto de estudo apresentado nesta pesquisa refere-se ao ensino de História da Educação e o papel desse campo de conhecimento na formação do Pedagogo. Um importante movimento de renovação metodológica e conceitual vem ocorrendo nas últimas décadas no campo da pesquisa e do ensino de História da Educação, cujas reflexões tomam como ponto de partida questões e temáticas da atualidade. Nota-se, também, uma aproximação e identificação da História da Educação com os processos cognitivos que estão em curso no campo específico da História. Nesse sentido, assumiu-se como foco de atenção desta pesquisa o ensino de História da Educação e as contribuições deste para a formação do pedagogo, pensadas a partir dos contributos de Jörn Rüsen para o conceito de consciência histórica. A preocupação em investigar a relação entre os conhecimentos adquiridos sobre a História da Educação e o pensar historicamente é um desafio recente, pois são poucas produções científicas acerca do ensino de História da Educação e menos ainda sobre como se aprende essa história. Esta pesquisa foi construída a partir de estudos bibliográficos; análises dos programas da disciplina, entendidos como fontes documentais, e estudo empírico, de natureza qualitativa, de caráter exploratório, composto por entrevistas semiestruturadas com professores de História da Educação e aplicação de questionário com alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Os resultados estão divididos em três partes: na primeira apresentou-se o processo de constituição do Curso de Pedagogia, lócus no qual efetiva a História da Educação como disciplina; na segunda foram tecidas considerações acerca dos programas da disciplina na Universidade Estadual de Londrina no intuito de analisar a configuração do ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia desta instituição; na terceira objetivou-se fomentar a discussão sobre o conceito de consciência histórica e suas contribuições para o ensino da disciplina História da Educação e no processo de formação do Pedagogo. Desta forma, espera-se poder contribuir para com o processo de reconfiguração do ensino e da historiografia da História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação, Ensino de História, Formação do Pedagogo, Consciência Histórica.

NOGUEIRA, Marianna. **The discipline History of Education in the Pedagogy course: thoughts from the voices of professors and students.** 2011. 102 f. Dissertation (Master's Degree in Education) – State University of Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

The object of study presented in this research refers to the teaching of History of Education and the role of this knowledge field in the Pedagogue training process. An important movement of methodological renewal and conceptual is occurring in the last decades in the research field and in the teaching of History of Education, which reflexions take as starting point issues and themes of the present time. Is noticeable, also, an approach and identification of the History of Education to the cognitive processes that are in progress in the specific History field. Accordingly, we assumed as the attention focus of this research the teaching of History of Education and its contributions to the Pedagogue formation, thought from the contributions of Jörn Rüsen to the historical consciousness concept. The preoccupation in investigate the relationship between the acquired knowledge about the History of Education and the think historically is a recent challenge, for there are few scientific productions about the teaching of History of Education and even less about how to learn this History. This research was built from bibliographic studies; discipline program analyses, understood as documentary sources, and empirical study, of qualitative nature, and exploratory character, composite by semi-structured interviews with History of Education teachers and questionnaire appliance with students from the Pedagogy course of the State University of Londrina. The results are divided in three parts: in the first part were presented the constitution process of the Pedagogy course, locus in which effects the History of Education as discipline; in the second, were presented considerations about the programs of the discipline in the State University of Londrina in order of analyzing the History of Education teaching configuration in the Pedagogy course of this institution; in the third we aimed to promote the discussion about the historical consciousness concept and its contributions to the teaching of the History of Education as discipline and in the Pedagogue formation process. This way, is expected to be able of contribute to the reconfiguration process of the teaching and the historiography of the History of Education.

Keywords: History of Education, History Teaching, Pedagogue Training, Historical Consciousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	10
DESENHO DO ESTUDO	14
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS DE UMA DISCIPLINA	16
1.1 A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	17
1.1.1 A Disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia	20
CAPÍTULO II – O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS PROGRAMAS DA DISCIPLINA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	41
2.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ENSINADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEL	42
2.1.1 Nomenclaturas da Disciplina	44
2.1.2 Ementas e Objetivos	44
2.1.3 Conteúdos Programáticos e Bibliografia Básica	52
CAPÍTULO III – O ENSINO DE HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	64
3.1 A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SEGUNDO JÖRN RÜSEN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	66
3.2 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DOS PROFESSORES	71
3.3 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DOS ALUNOS.....	77
3.4 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	84
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	99
Anexo A – Instrumento para coleta de dados – Questionário para discentes.....	100
Anexo B – Instrumento para coleta de dados – Questões norteadoras para entrevista semiestruturada	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização curricular do Curso de Pedagogia decorrente do Decreto-Lei 1.190/39	21
Quadro 2 – Organização curricular do Curso de Pedagogia a partir do currículo mínimo fixado pelo Parecer 251/62.....	23
Quadro 3 – Quadro 3 – Organização curricular do Curso de Pedagogia FFCL – 1962.....	24
Quadro 4 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia a partir do currículo mínimo fixado pelo Parecer 252/69.....	26
Quadro 5 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL a partir do Currículo Mínimo definido pelo Parecer 252/69.....	28
Quadro 6 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL – 1992 a 1997.....	30
Quadro 7 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL – 2005.....	33
Quadro 8 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL – 2007.....	36
Quadro 9 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL – 2010.....	38

INTRODUÇÃO

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias do seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia. Ao historiador da educação pede-se que junte os dois termos desta equação. Não há história da educação sem a mobilização rigorosa dos instrumentos teóricos e metodológicos da investigação histórica. Mas também não há história da educação sem um pensamento e um olhar específicos sobre a realidade educativa e pedagógica. Uma moeda tem sempre dois lados.

António Nóvoa

DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O objeto de estudo apresentado nesta pesquisa refere-se ao ensino de História da Educação e o papel desse campo de conhecimento na formação do Pedagogo. Vinculada institucionalmente aos Cursos de Pedagogia e radicada no campo das Ciências da Educação, a História da Educação “não se instituiu a partir do movimento interno da História e não foi a ele incorporada” (WARDE, 1990, p. 8), fato este que marcou, até recentemente, “a sua constituição como área de investigação historiográfica capaz de autodelimitar-se e de definir, a partir de sua própria prática, questões, temas e objetos” (CARVALHO, 2005, p. 34). No entanto, vem ocorrendo nas últimas décadas um importante movimento de renovação metodológica e conceitual no campo da pesquisa e do ensino de História da Educação, cujas reflexões tomam como ponto de partida questões e temáticas da atualidade (MAGALHÃES, 2005), numa tentativa de superar uma historiografia da educação marcada por fatos políticos e econômicos, em detrimento de outras esferas da produção social (GATTI JÚNIOR, 1997).

Nota-se, também, “um efetivo movimento de aproximação e identificação da História da Educação com os processos cognitivos que estão em curso no campo específico da História” (WARDE, 2006, p. 94). Foi essa aproximação que permitiu que esta pesquisa transitasse na zona intermediária entre a História da Educação e o Ensino de História.

Desde a instituição do Curso de Pedagogia no Brasil em 1939, a questão da identidade do Pedagogo, relacionada à pertinência das funções que lhe têm sido atribuídas, tem suscitado questionamentos e críticas, acabando por provocar mudanças curriculares no sentido de reequacionamento destas. A cada mudança curricular propugnou-se um perfil para o pedagogo. Acredita-se que a disciplina História da Educação tem, além de uma função propedêutica aos estudos pedagógicos, ocasionadora de uma reflexão maior sobre os condicionantes da educação e do sistema escolar, uma função constitutiva da identidade do pedagogo. Foi esta a hipótese que motivou o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

Para a construção deste estudo a abordagem de Chervel sobre a História das Disciplinas Escolares foi tomada como referencial teórico, pois coloca os conteúdos de ensino no centro de suas preocupações, posto que

desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural (CHERVEL, 1990, p. 184).

Tomado desta forma proposta por Chervel (1990), a disciplina História da Educação pode ser compreendida como uma “entidade concreta, que produz cultura e institui regras e normas”, que “faz parte de um ordenamento acadêmico e é instituída por meio do desenvolvimento histórico do campo acadêmico-universitário e escolar e pelas ações de seus agentes em sua própria existência e constituição” (RODRIGUES, 2011, p. 146).

Sendo assim, as análises acerca do ensino da História da Educação, no Curso de Pedagogia, partem das necessidades e possibilidades de conhecimentos exigidas ao pedagogo, no sentido de conhecer os condicionantes históricos que constituíram sua profissão e seu campo de trabalho, e do entendimento que a disciplina é o espaço privilegiado para discutir tais questões, pois, considera-se que esta pode propiciar ao aluno o deslocamento temporal necessário para estabelecer relações e significações entre passado, presente e

futuro, de forma que o egresso possa entender melhor sua profissão e o seu fazer pedagógico.

Neste sentido, assumiu-se como foco de atenção desta pesquisa o ensino de História da Educação e as contribuições deste para a formação do pedagogo, pensadas a partir dos contributos de Jörn Rüsen para o conceito de consciência histórica. Desta forma, espera-se poder contribuir para com o processo de reconfiguração do ensino e da historiografia da História da Educação.

Para o historiador e filósofo Jörn Rüsen (2009, p. 168), “a consciência histórica é uma forma específica de memória histórica” mobilizada a partir “das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57). A consciência histórica também desempenha uma importante função cultural: formar e expressar identidade em uma perspectiva temporal. Segundo o autor, “a consciência histórica é uma categoria geral que não apenas tem relação com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiêcia o passado e se o interpreta como história” (RÜSEN, 2010, p. 36).

A partir das considerações acima pode-se concluir que o conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen apresenta uma proposta diferenciada a respeito da aplicação do conhecimento histórico na vida dos indivíduos. O autor acredita que a aprendizagem da história não visa apenas criar um conhecimento histórico que fique circunscrito ao espaço escolar ou acadêmico, antes auxiliam não só no processo de formação do pensamento histórico dos sujeitos, mas em sua orientação na vida prática. Sob este propósito, a História tem de ser entendida como “um conjunto, ordenado temporalmente de ações humanas”, como um passado sobre o qual os homens “têm de voltar o olhar, a fim de poderem ir à frente em seu agir, de poderem conquistar seu futuro” (RÜSEN, 2001, p. 74).

Com o intuito de subsidiar este estudo, estabeleceram-se como objetivos específicos desta pesquisa: identificar os tempos e o espaço que disciplina História da Educação ocupou/ocupa no Curso de Pedagogia e, a partir daí, compreender os processos que conferiram identidade ou identidades à disciplina; apreender os objetivos do ensino de disciplina História da Educação para a formação do Pedagogo a partir da análise dos programas da disciplina e entrevista

com os professores; avaliar, a partir das vozes das alunas, a importância dos conteúdos ministrados na disciplina na formação do Pedagogo e discorrer sobre o conceito de consciência histórica, a partir de Jörn Rüsen, e as possíveis contribuições para o ensino de História da Educação.

Os resultados desta pesquisa estão divididos em três capítulos, seguidos pela Conclusão. No Capítulo I, intitulado História da Educação: percursos de uma disciplina, operou-se a reconstrução da trajetória institucional do Curso de Pedagogia no Brasil e na Universidade Estadual de Londrina, locus no qual se efetivou a História da Educação como disciplina, apresentando reflexões acerca das várias mudanças curriculares que este curso sofreu ao longo de sua existência, mudanças estas que refletiram no perfil profissional do seu egresso, no sentido de caracterizar e determinar os tempos e o espaço ao qual a disciplina História da Educação se constituiu.

No Capítulo II, que tem como título O ensino de História da Educação: considerações acerca dos programas da disciplina na Universidade Estadual de Londrina, pretendeu-se analisar a configuração do ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da referida instituição a partir do estudo dos programas da disciplina e o modo como a mesma foi instituída no currículo a partir do testemunho de seus respectivos professores.

No Capítulo III, denominado O ensino de História da Educação e a formação da consciência histórica, objetivou-se fomentar a discussão sobre o conceito de consciência histórica e suas contribuições para o ensino da disciplina História da Educação e no processo de formação do Pedagogo operada por meio da análise das entrevistas realizadas com os professores da disciplina e questionários respondidos pelas alunas do curso.

Ao final, apresenta-se a Conclusão, na qual se procura apresentar as possibilidades e contribuições da aplicação dos métodos propostos pela Teoria da História e pela Didática da História de Jörn Rüsen para a formação da consciência histórica ao ensino de História da Educação.

DESENHO DO ESTUDO

Considerando com Chervel (1990, p. 192), que a descrição de uma disciplina não deve limitar-se à apresentação dos conteúdos, uma vez que estes “são apenas meios utilizados para alcançar um fim”, e que a tarefa essencial do historiador das disciplinas é “o estudo dos ensinamentos efetivamente dispensados”, esta pesquisa foi subsidiada por estudos bibliográficos; análises dos programas da disciplina entendidos como fontes documentais e estudo empírico, de natureza qualitativa, de caráter exploratório, composto por entrevistas semiestruturadas com professores de História da Educação e aplicação de questionário com alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

Foram analisados 30 programas da disciplina. Parte das fontes documentais (programas da disciplina correspondente aos anos de 1962 a 1975) são acervo do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação e foram cedidos pela professora Maria Luiza Abbud, responsável pelo referido laboratório. Os outros programas, correspondentes aos anos de 1975 a 2009, foram obtidos junto à secretaria do Colegiado de Pedagogia¹.

Foram realizadas entrevistas com quatro professoras da disciplina História da Educação. O critério de seleção foi tentar abranger todo o período ao qual a disciplina figurou nos currículos do Curso de Pedagogia da Universidade de Londrina. A professora Estela Kobaiashi² foi a primeira professora da disciplina em 1962 e, até 1964, também ministrou aulas de Filosofia da Educação. Em 1964, com a chegada da professora Zenite Teresinha Ribas Cesar³, a professora Estela optou pelas aulas de Filosofia da Educação e a professora Zenite Cesar assumiu a disciplina, permanecendo como professora desta até a década de 1980. A Professora Maria Luiza Abbud assumiu o ensino da disciplina em 1992

¹ Devido à precariedade no armazenamento, não pode ser localizada uma parte dos programas; os mais antigos, correspondente aos anos de 1962 a 1975 foram localizados, recuperados e digitalizados graças aos esforços das professoras Maria Luiza Abbud, Marta Fávoro e Magda Tuma quando coordenavam o projeto de pesquisa História da História da Educação em Londrina.

² Entrevista concedida no ano de 2005 a Prof.^a Magda M. Tuma como parte do projeto de pesquisa coordenado pela mesma e pelas Prof.^{as} Maria Luiza M. Abbud e Prof.^a Marta Regina G. Fávoro, intitulado História da História da Educação em Londrina, iniciado em 2004.

³ Entrevista concedida no ano de 2005 a Prof.^a Maria Luiza Abbud como parte do projeto de pesquisa coordenado pela mesma e pelas Prof.^{as} Magda Madalena Tuma e Prof.^a Marta Regina G. Fávoro, intitulado História da História da Educação em Londrina, iniciado em 2004.

permanecendo até hoje. Também coordena os projetos de pesquisa intitulados O ensino de história da educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina e Localização e catalogação de fontes para pesquisa da história das instituições educativas escolares e não escolares de Londrina, ambos em andamento. A professora Marta Regina Gimenez Fávaro assumiu o ensino da disciplina em 2001 e ministrou aulas até 2010 quando se afastou para cumprir funções administrativas junto a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

Para a aplicação dos questionários formou-se um grupo de alunas⁴ que estavam cursando diferentes anos do Curso de Pedagogia. O grupo formado contou com treze alunas e assim constituiu-se:

- Uma aluna cursava a 1ª série (Aluna 7)
- Seis alunas cursavam a 2ª série (Alunas 3, 6, 9, 10, 11 e 12)
- Cinco alunas cursavam a 3ª série (Alunas 1, 2, 4, 8 e 13)
- Uma aluna cursava a 4ª série (Aluna 5)
- Cinco alunas (Alunas 1, 3, 5 e 7) já estão atuando como professoras do Ensino Fundamental, ou como regentes (Alunas 3, 5 e 7), ou como auxiliar de sala (Aluna 1)
- Quatro alunas possuem outra graduação: a Aluna 1 é graduada em Ciências Sociais, a Aluna 5 possui graduação em Comunicação Social, a Aluna 7 é graduada em Processamento de Dados e a Aluna 7 em Teologia.

Em suma, o que se pretendeu discutir nesta pesquisa foram questões referentes ao ensino bem como a pesquisa em História da Educação e suas contribuições para a formação do pedagogo.

⁴ Optamos por trabalhar com o grupo de alunas envolvidas no Projeto de pesquisa Hisped – História de Sucesso Pedagógico e PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência porque, além de atenderem ao critério de estarem cursando diferentes séries do curso, foi possível reuni-las em um sábado para aplicação do questionário. Tal reunião deu-se por motivos alheios a essa pesquisa (esses grupos fazem reuniões no primeiro sábado de cada mês). Encaminhamos, com antecedência, a solicitação para aplicação do questionário e, após aceitação das alunas envolvidas, aplicamos os mesmos.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS DE UMA DISCIPLINA

Por que repensar aqui e agora o ensino de História da Educação?

Para Magalhães, (2005, p. 98) “na vida das sociedades, das instituições e das pessoas, a história é parte integrante da tomada de decisões e das reflexões quanto ao presente e o futuro, e é fator de identidade”. Hobsbawn (2001, p. 32) salienta que:

[...] o valor da investigação histórica sobre “o que de fato aconteceu” para a solução deste ou daquele problema específico do presente e do futuro é inquestionável, e tem dado novo alento a algumas atividades históricas um tanto antiquadas, desde que essas sejam associadas a problemas bem modernos (grifo do autor).

A História da Educação vive hoje um momento de debates e interrogações acerca do seu estatuto epistemológico, no qual se manifesta uma preocupação em demonstrar sua atualidade e relevância na formação do pedagogo. Pode-se dizer que a ocorrência dessa reconfiguração redefine também a posição que a disciplina ocupava no campo da pesquisa educacional, modificando, assim, o “que vinha sendo constitutivo da fragilidade da disciplina – a não problematização dos seus procedimentos e de seu objeto [...]” (CARVALHO, 2005, p. 36). Carvalho (2005, p. 34) explica que

os moldes em que se deu o atrelamento originário da disciplina a objetivos institucionais de formação de professores e pedagogos dificultaram [...] a sua contribuição como área de investigação historiográfica capaz de autodelimitar-se e de definir, a partir de sua própria prática, questões, temas e objetos.

Esse processo de renovação pelo qual vem passando a História da Educação enquanto disciplina acadêmica e campo de pesquisa têm sido acompanhado de intensa reflexão conceitual e metodológica (CARVALHO, 2005), cujos resultados podem ser observados na abertura da disciplina a novos temas, novas abordagens, métodos de pesquisa e procedimentos historiográficos, favorecendo a consolidação de novas perspectivas para o ensino (RODRIGUES,

2011) de modo a fortalecer a História da Educação enquanto Ciência da Educação e disciplina obrigatória nos Cursos de Pedagogia.

Desse modo, são hoje solicitadas novas exigências, em termos de conhecimentos, aos professores de História da Educação. De acordo com Rodrigues (2011, p. 152),

como o campo da pesquisa histórica em educação avançou, e tem sido crescente a inserção de estudiosos na área, muitos desses pesquisadores são absorvidos para o ensino da disciplina no interior dos cursos de formação de educadores, sobretudo os de Pedagogia, interferindo diretamente na sistemática de transmissão de conhecimentos a partir de currículos e dos planos e programas.

Nesta direção, Faria Filho & Rodrigues (2003, p. 173) adverte que “se, por um lado, é preciso fazer a crítica da nossa tradição disciplinar e dos problemas que esta trouxe para o ensino”, somente se inova se conhecemos aquilo que queremos superar. Para Fávero (2005, p. 49) “[...] ao propor no presente questões referentes à história da educação a serem estudadas e pesquisadas para se pensar o futuro, impõe-se a necessidade de rever e conhecer o passado”.

Considerando as assertivas anunciadas, o objetivo deste capítulo é apresentar a História da Educação enquanto disciplina, determinando lugares e tempos em que a mesma esteve presente, desde sua introdução até os dias de hoje nos Cursos de Pedagogia, a fim de compreender os processos que lhe conferiram identidade ou identidades e apreender a importância que esta tem para a formação do pedagogo.

1.1 A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A gênese e o desenvolvimento da disciplina História da Educação estão vinculados à Pedagogia e institucionalmente à formação de professores. Em decorrência disto, a História da Educação não foi concebida como uma especialização temática da História para configurar-se como uma Ciência da Educação. No entanto, a História da Educação não foi incluída entre estas exatamente como uma Ciência, mas sim como disciplina formadora, “para ser útil e para ter sua eficácia medida não pelo que é capaz de explicar e interpretar dos processos históricos objetivos da Educação, mas pelo que oferece de justificativas

para o presente” (WARDE, 1990, p. 9). Esta referência identitária da História da Educação aos cursos de formação de professores é vital para se compreender “a sua razão de ser e uma parte considerável das suas contradições” (VIOLAS apud NÓVOA, 1996, p. 6).

Neste sentido, Fávero (2005, p. 56) adverte que para entender o processo de configuração da História da Educação enquanto disciplina e as permanências e mudanças no seu ensino

é importante considerar não apenas os aspectos internos dessa construção, de um ponto de vista mais epistemológico, mas também aqueles aspectos que buscam situar essa construção, no seu tempo, na sociedade que ocorre, na instituição que a abriga.

O percurso mundial da disciplina História da Educação, de acordo Nóvoa (1996), foi marcada por três processos simultâneos: a estatização do ensino, a formação de professores e a cientificização da Pedagogia. A consolidação dos sistemas de ensino e a formação dos Estados-nação favoreceram uma análise histórica comparada da situação educacional de diversos países, objetivando, sobretudo, afirmar identidades e justificar o repasse de verbas para o setor educativo, num momento em que a crença na educação e a ideia de que a força de um país se podia medir de acordo com o desenvolvimento do sistema educacional em voga.

A formação de professores também ganha força neste momento, fazendo com que a História da Educação adquira, segundo Nóvoa (1996, p. 4), grande importância na formação deste profissional, chegando a ser a disciplina com maior carga horária, uma vez que “à narrativa histórica compete reforçar a convicção dos professores [...] que a escola é o factor (sic) essencial para o progresso”. Neste período, a Pedagogia também instaurava um movimento de conquista de seu estatuto de Ciência construída a partir “do emprego de métodos de pesquisa decalcados do modelo das ciências físicas” (NÓVOA, 1996, p. 4) marcados pela predominância da razão psicológica e do discurso sociológico.

No Brasil, Vidal e Faria Filho (2003) identificam três vertentes sobre as quais se assentam o ensino de História da Educação: a primeira, produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) (final do século XIX), como iniciativa de construção e preservação da memória da educação brasileira; a

segunda, como disciplina nos cursos de formação de professores (década de 1920) e a terceira, como objeto de pesquisa acadêmica (a partir da década de 1960), em especial a partir dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

O IHGB foi fundado em 21 de outubro de 1838. Seguindo orientação positivista, seu objetivo era arquivar e publicar documentos no intuito de preservar a memória histórica e geográfica do país (VIDAL e FARIA FILHO, 2003 e SAVIANI, 2008). Dentre as obras produzidas, podem-se destacar duas, pela relevância e extensão. A primeira, de José Ricardo Pires de Almeida, membro honorário do IHGB, considerada “a primeira história sistematizada da educação brasileira” (SAVIANI, 2008, p. 153), chamou-se *L’instruction publique au Brésil (1500-1889): histoire at legislation* e foi publicada em francês em 1889 e traduzida para o português, somente um século depois, em 1989. A segunda obra, distribuída em 15 volumes, é de Primitivo Moacyr, também vinculado ao IHGB. Destes, três volumes foram dedicados à *Instrução e o Império* (entre 1936 e 1938), três à *Instrução e as Províncias* (entre 1939 e 1940) e sete à *Instrução e a República* (1942), além de outros dois volumes dedicados à *Instrução pública no Estado de São Paulo* (1942) e uma à *Instrução primária e secundária no município da Corte* (1942) (SAVIANI, 2008).

Segundo Saviani (2005, p. 11), “a conquista de um espaço acadêmico para os estudos da educação se beneficiou do processo de organização do campo educacional” suscitado na década de 1920, decorrente do movimento renovador⁵. De acordo com Vidal e Faria Filho (2003, p. 46), tais reformas “pretendiam modificar a educação nacional, introduzindo princípios da escola ativa, posteriormente aglutinados em torno do ideal da escola nova no ensino primário”, acarretando uma elevação na profissionalização dos educadores, que por sua vez, demandava uma formação específica, iniciada com a criação das Escolas Normais.

Desse modo, em 1928, foi introduzida a disciplina História da Educação no currículo da Escola Normal do Rio de Janeiro, no âmbito da Reforma Fernando de Azevedo. Dentre os professores chamados para ministrar a disciplina estava Júlio Afrânio Peixoto, autor do primeiro manual didático brasileiro sobre

⁵ Grupo de intelectuais que se formou, a partir de 1932, na Associação Brasileira de Educação, que postulou para si o estatuto de renovadores da educação. Também escreveram O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. No caso deste texto, quando nos referimos aos renovadores da educação, estamos nos referindo a Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

História da Educação, publicado em 1933. De acordo com Vidal e Faria Filho (2003), o livro de Afrânio Peixoto consagrou uma regra narrativa, anunciada pelo próprio autor no prefácio da obra, que serviria como modelo à escrita de manuais brasileiros de História da Educação: adoção de uma “perspectiva panorâmica, a campos microscópicos meramente documentais” (PEIXOTO apud VIDAL e FARIA FILHO, 2003, p. 47). Das 265 páginas da obra, somente 54 eram destinadas à educação brasileira, dividida em dois capítulos: Brasil e Escola Nova.

Em 1932, por ocasião da reforma dirigida por Anísio Teixeira, a disciplina História da Educação assume a denominação de Filosofia e História da Educação (SAVIANI, 2008). Em verdade, de acordo com Warde (2006), a História da Educação não foi incluída nos currículos das Escolas Normais como “disciplina autônoma”, e sim como “irmã siamesa” da Filosofia da Educação.

Em 1939, com a criação do Curso de Pedagogia, a História da Educação passou a compor o rol de disciplinas do currículo do mencionado curso.

1.1.1 A Disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia

O Curso de Pedagogia foi instituído no Brasil por meio do Decreto-lei nº 1.190 de abril de 1939, que organizou a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, cuja função era formar bacharéis e licenciados para diversas áreas, inclusive a pedagógica. A Faculdade foi estruturada em quatro seções: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia acrescentando, ainda, a Didática, considerada “seção especial” (Saviani, 2007).

O modelo instituído pelo Decreto-lei 1.190, que fixava os currículos plenos e a duração dos cursos, ficou conhecido como esquema 3 + 1, ou seja, três anos para o estudo das disciplinas específicas comum ao bacharelado e um ano para a formação pedagógica específica a licenciatura, como um complemento no final do curso. No caso do Curso de Pedagogia, àqueles que concluíssem os três anos de bacharelado seriam conferidos o diploma de bacharel em pedagogia, isto é, técnico em educação; aos que concluíssem o curso de didática, seria conferido o diploma de licenciado no grupo de disciplinas que compunham o curso de bacharelado (SILVA, 2003).

Foi definido o seguinte modelo curricular para os Cursos de Pedagogia:

Quadro 1 – Organização curricular do Curso de Pedagogia decorrente do Decreto-Lei 1.190/39.

1º ano	2º ano	3º ano	Didática
Complementos de Matemática	Psicologia Educacional	Psicologia Educacional	Didática Geral
História da Filosofia	Estatística Educacional	História da Educação	Didática Especial
Sociologia	História da Educação	Administração Escolar	Psicologia Educacional
Fundamentos Biológicos da Educação	Fundamentos Sociológicos da Educação	Educação Comparada	Fundamentos Biológicos da Educação
Psicologia Educacional	Administração Escolar	Filosofia da Educação	Fundamentos Sociológicos da Educação e Administração Escolar

Fonte: Saviani (2007, p. 117)

Observa-se que a disciplina História da Educação compõe a grade curricular do 2º e 3º anos do currículo pleno para a formação do bacharel. Segundo Bastos, Busnello e Lemos (2006, p. 186), o programa da disciplina contemplava tópicos sobre a evolução dos processos educativos e escolares “com ênfase nos principais representantes de cada período e uma descrição de fatos, ideias e práticas, levando à compreensão do ‘passado pelo passado’” (grifo do autor).

Observa-se, também, no 3º ano, a presença da disciplina Educação Comparada. Os estudos de educação comparada remontam ao início do século XIX no momento em que os Estados-nação organizavam seus respectivos sistemas nacionais de ensino. Suas motivações eram descrever e confrontar entre si, assinalando diferenças e semelhanças, os sistemas nacionais de ensino das nações comparadas. Segundo Nóvoa (2001, p. 168)

tradicionalmente, a educação comparada teve como matriz o estado-nação: comparavam-se países do Norte com países do Sul, desenvolvidos com subdesenvolvidos; comparavam-se os países do “centro” entre eles; comparava-se pela proximidade geográfica ou pelo exotismo... mas a referência era, sempre, o estado nacional (grifo do autor).

De acordo com Lourenço Filho (2004, p. 17), o termo Educação Comparada determina “certo ramo de estudos que primeiramente se caracterizam pela vasta escala de observação de que se utilizam, por força de seu objeto”. Esse objeto, segundo o autor, são os sistemas nacionais de ensino, entendidos em sentido amplo,

[...] como uma projeção, no plano das instituições do povo a que pertença, de forças que levem as gerações mais amadurecidas a influir nas que menos o sejam, para transmitir-lhes as próprias ideias, sentimentos, técnicas, desejos e aspirações. Consideradas essas condições e seus efeitos, permite-se falar de um *processo educacional* (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 17, grifo do autor).

Para Lourenço Filho (2004, p. 20) essa disciplina apresentava estreita relação com a História da Educação e aspectos comuns de método investigativo, uma vez que ambas procuram explicar o “processo educacional”, utilizando a expressão do autor, a partir de uma perspectiva histórica, guardadas as devidas proporções. Outro aspecto apontado por Lourenço Filho ao explicitar a importância da disciplina Educação Comparada na formação do educador se refere a sua utilidade. Para o autor, os estudos comparados eram indispensáveis àqueles que ocupavam cargos na organização e administração dos sistemas de ensino, pois “sugerem produtiva reflexão quanto aos aspectos do trabalho que tenham de realizar”.

Em épocas de rápida mudança social, como a que estamos vivendo, razões prementes aumentam esse significado prático, em geral. Os dados de análise comparativa, país a país, passam a interessar à ação política e administrativa, fornecendo recursos para menos fantasiosa formulação de projetos ou planos, e, a diretores e mestres, ministram pontos de referência indispensáveis a uma direção menos incerta de seu próprio trabalho. Deve-se mesmo salientar que certas exigências práticas têm influído para o grande florescimento dos estudos comparativos em nosso tempo (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 20-21)

Em 1962, alterações foram introduzidas no currículo do Curso de Pedagogia a partir do Parecer CFE nº 251, relatado pelo Conselheiro Valnir Chagas, que, incorporado à Resolução CFE/62, fixa o currículo mínimo e a duração do referido curso. A duração do curso continua a mesma do curso anterior – quatro anos – englobando o bacharelado e a licenciatura, permitindo com que os alunos cursassem as disciplinas de licenciatura concomitantemente ao bacharelado.

O rol de disciplinas sofreu algumas alterações: o currículo mínimo para o bacharelado passa a abranger sete matérias, sendo cinco obrigatórias e duas opcionais. No entanto, o caráter generalista foi mantido e o Curso de Pedagogia continuou a destinar-se à formação do técnico em educação (fazendo uma vaga referência ao campo de trabalho deste profissional) e do professor das disciplinas pedagógicas do curso normal, ou seja, formando o bacharel e o licenciado respectivamente (SILVA, 2003).

Quadro 2 – Organização curricular do Curso de Pedagogia a partir do currículo mínimo fixado pelo Parecer 251/62

Currículo mínimo	Matérias optativas
Psicologia da Educação	Biologia
Sociologia (Geral, da Educação)	História da Filosofia
História da Educação	Estatística
Filosofia da Educação	Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica
Administração Escolar	Cultura Brasileira
Duas matérias optativas	Educação Comparada
	Higiene Escolar
	Currículos e Programas
	Técnicas Audiovisuais de Educação
	Teoria e Prática da Escola Primária
	Teoria e Prática da Escola Média
	Introdução à Orientação Educacional

Fonte: Brasil (1963, p. 65 – 66)

A História da Educação continuou ocupando espaço no currículo mínimo do curso como uma das seis disciplinas obrigatórias, se estendendo por três anos. Segundo Saviani (2005) neste período a formação do pedagogo era fortemente marcada por estudos históricos, ainda que tais estudos estivessem focados na história das doutrinas pedagógicas, em detrimento da história da

educação como fator social, fazendo com que a disciplina História da Educação se destacasse como disciplina importante na formação do pedagogo.

Em meio a essas mudanças curriculares decorrentes do Parecer 251/62, o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina dava início às suas atividades. Criado pelo Decreto nº 29916 de 1960 e implantado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FFCLL) – hoje, Universidade Estadual de Londrina (UEL) - em 1961, autorizado pelo Decreto nº 50628/61, juntamente com o curso de Didática, o Curso de Pedagogia da UEL passou a funcionar efetivamente em 1962 (ABBUD, 2007). Em 1964, o curso de Didática foi encerrado como curso autônomo, de acordo com orientação do Parecer nº 292, do Conselho Estadual de Educação. Sendo assim, as matérias pedagógicas passaram a fazer parte da grade curricular do Curso de Pedagogia (ABBUD; FAVARO e JUNIOR, 2010).

A inspiração para a composição da grade curricular do Curso de Pedagogia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, no momento de sua criação, foi a grade curricular definida pelo Decreto-Lei 1.190/39 e também pelas indicações presentes no Parecer 251/62.

Quadro 3 – Organização curricular do Curso de Pedagogia FFCL – 1962

1º ano	2º ano	3º ano	Didática
Introdução a Filosofia	Filosofia da Educação	Filosofia da Educação	Psicologia Educacional
História da Filosofia	História da Filosofia	História da Educação	Administração Escolar
Psicologia da Educação	História da Educação	Psicologia Evolutiva	Didática Geral
Sociologia Geral	Psicologia Evolutiva	Administração Escolar	Didática Especial de Filosofia
Elementos de Matemática e Estatística	Elementos de Matemática e Estatística	Didática Geral	Educação Comparada
Biologia	Sociologia da Educação	Cultura Brasileira	Psicologia Educacional

Fonte: Abbud (2007, p. 959)

Esta composição curricular permaneceu sem grandes alterações até 1968. Neste período, pode-se encontrar a disciplina História da Educação no 2º,

dividida em 4 aulas semanais, totalizando 104 aulas anuais e no 3º ano, dividida em 3 aulas semanais, totalizando 79 aulas anuais.

Observa-se, que a disciplina Educação Comparada também estava presente na grade curricular do Curso de Pedagogia da UEL. Foram encontrados planos de curso referentes aos anos de 1967 a 1974. Nestes estavam previstas 155 aulas, cujos objetivos gerais eram: aquisição de conhecimentos sobre os Sistemas Nacionais de Ensino, alertando o espírito dos alunos sobre o valor da Educação Comparada na formação de um educador e aguçar a capacidade dos alunos na análise das condições integrais de cada povo para através de confrontos formular os modelos práticos de organização escolar. É possível constatar, a partir da análise da bibliografia adotada, que a disciplina estava mais voltada para a formação do Administrador Escolar, pois, dos 10 livros recomendados, 5 livros tratavam deste assunto.

No ano seguinte à Reforma Universitária (Lei Federal nº 5.540 de 28 de novembro de 1968) o Conselho Federal de Educação aprovou nova regulamentação para o Curso de Pedagogia, o Parecer CFE nº 252/69, também de autoria do então Conselheiro Valnir Chagas, incorporado à Resolução CFE nº 2/69, que fixava os mínimos de conteúdo e duração a serem seguidos na organização do curso.

Segundo o plano proposto, o Curso de Pedagogia passa a ter uma parte comum e outra diversificada. Quanto à parte comum, esta será praticamente a mesma do Parecer 251/62, apresentada no quadro 2. A novidade é a proposição do acréscimo da Didática. Para o magistério dos cursos normais e as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção, previram-se cinco habilitações que se desdobram em oito com apresentação das três últimas também em curta duração, visando à escola de primeiro grau. Para estas cinco habilitações, previram-se onze matérias, que se desdobram em dezessete para possibilitar as combinações necessárias em cada caso.

Quadro 4 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia a partir do currículo mínimo fixado pelo Parecer 252/69

PARTE COMUM	
Sociologia Geral e da Educação	
Psicologia da Educação	
História da Educação	
Filosofia da Educação	
Didática	
HABILITAÇÕES	
Orientação Educacional	Supervisão Escolar para o exercício nas escolas de 1° e 2° graus
Estrutura e funcionamento do Ensino de 1° grau	Estrutura e funcionamento do Ensino de 1° grau
Estrutura e funcionamento do Ensino de 2° grau	Estrutura e funcionamento do Ensino de 2° grau
Princípios e Métodos de Orientação Educacional	Princípios e Métodos da Supervisão Escolar
Orientação Educacional	Currículos e Programas
Medidas Educacionais	
Inspeção Escolar para o exercício nas escolas de 1° e 2° graus	Administração Escolar para o exercício nas escolas de 1° e 2° graus
Estrutura e funcionamento do Ensino de 1° grau	Estrutura e funcionamento do Ensino de 1° grau
Estrutura e funcionamento do Ensino de 2° grau	Estrutura e funcionamento do Ensino de 2° grau
Princípios e Métodos da Inspeção Escolar	Princípios e Métodos da Administração Escolar
Inspeção da Escola de 1° grau	Administração da Escola de 1° grau
Legislação do Ensino	Estatística Aplicada à Educação
Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais	
Estrutura e funcionamento do Ensino de 1° grau	
Metodologia do Ensino de 1° grau	
Prática de Ensino na Escola de 1° grau (estágio)	

Fonte: Brasil (1981, p. 469 e 470)

O aspecto mais importante e também polêmico do referido Parecer é a introdução das habilitações no Curso de Pedagogia. Com a introdução destas, Valnir Chagas pretendeu melhor definir que tipo de profissional este curso visava formar, procurando atender às exigências do mercado de trabalho, que, naquele

momento, exigia a preparação de técnicos, entre estes os da educação, visando atender ao apelo do modelo desenvolvimentista (BRZEZINSKI, 1996).

Para Saviani (2005, p. 19), “o problema do encaminhamento que se deu à questão do curso de pedagogia reside numa concepção que subordina a educação à lógica de mercado”. Desta forma, cabia ao especialista inserir-se na escola para garantir-lhe a eficiência por meio de uma racionalidade técnica que maximize a sua produtividade e, nestas circunstâncias, “a questão educativa é reduzida predominantemente à sua dimensão técnica, afastando-se o seu caráter e secundarizando, também, as exigências de embasamento científico” (SAVIANI, 2005, p. 19).

Com isso, de acordo com Saviani (2005), a História da Educação teve seu peso reduzido nesta nova proposição curricular juntamente com as disciplinas ligadas aos chamados fundamentos da educação, na formação do pedagogo. No entanto, há que se ressaltar que a disciplina ocupou lugar central no currículo até a instituição deste Parecer.

Com a instituição do Parecer 252/69 novas alterações foram introduzidas no Curso de Pedagogia da UEL. O que antes se constituía como currículo pleno, passa a ser entendido como tronco comum, com o acréscimo das habilitações: Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Administração Escolar para escolas de 1º e 2º graus e Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais, posteriormente, Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º grau (ABBUD; FAVARO e JUNIOR, 2010).

Quadro 5 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia da UEL a partir do Currículo Mínimo definido pelo Parecer 252/69.

Curso de Pedagogia UEL – 1973 a 1977	
Filosofia da Educação I e II Introdução à Filosofia B	
História da Educação I e II	
Psicologia da Educação I e II	
Introdução à Sociologia Sociologia da Educação I e II	
Didática I Didática B	
Matemática I	
Metodologia Científica	
Ling. Inglesa ou Francesa A	
Habilitações	
Orientação Educacional	Supervisão Escolar de 1° e 2° graus
Estrutura e Funcionamento 1° e 2° graus	Estrutura e Funcionamento 1° e 2° graus
Princípios e Métodos da Orientação Educacional I Princípios e Métodos da Orientação Educacional II Princípios e Métodos da Orientação Educacional III	Princípios e Métodos da Supervisão Escolar I Princípios e Métodos da Supervisão Escolar II Princípios e Métodos da Supervisão Escolar II
Medidas Educacionais I Medidas Educacionais II	Currículos e Programas I Currículos e Programas II
Orientação Vocacional	
Magistério das Matérias Pedagógicas do 2° grau	Administração Escolar de 1° e 2° graus
Estrutura e Funcionamento 1° e 2° graus	Estrutura e Funcionamento 1° e 2° graus
Metodologia do Ensino de 1° grau I Metodologia do Ensino de 1° grau II	Princípios e Métodos da Admin. Escolar I Princípios e Métodos da Admin. Escolar II Princípios e Métodos da Admin. Escolar III
Prática de Ensino de 1° grau	Estatística Aplicada à Educação

Fonte: Abbud, Favaro e Junior (2010, p. 8-9)

Nesta nova proposição curricular, a disciplina História da Educação passa compor o rol de disciplinas do tronco comum, sendo ministrada nas 1ª, 2ª e 3ª séries. Desse período foram encontrados planos de curso dos anos 1969 (2ª e 3ª

séries), 1970 (3ª série), 1971 (2ª e 3ª séries), 1972 (1ª 2ª e 3ª séries). Na primeira série, eram ministradas 101 aulas anuais, na 2ª série, estavam previstas 113 aulas e, na 3ª série, o total de aulas anuais eram 113. Esses números apresentam poucas variações de um ano para o outro.

A partir de 1972, a UEL muda do sistema seriado de matrículas para o sistema de créditos (matrícula por disciplinas); sistema este que perdurou até 1992. Devido a esta mudança, a disciplina História da Educação passa a ser ofertada apenas em dois semestres e o número de aulas cai para 90 (6 créditos). Referente a este período foram encontrados programas da disciplina História da Educação dos anos 1972 (História da Educação I, II e III), 1973 (História da Educação I, II e III), 1974 (História da Educação I e II), 1975 (História da Educação I e II), 1976 (História da Educação I e do Brasil), 1977 (História da Educação II), 1982 (História da Educação I, II e III) e 1989 (História da Educação III).

Em 1992, com a mudança no sistema de matrícula por disciplina para sistema seriado anual, nova alteração curricular é implantada no Curso de Pedagogia da UEL. O Curso passa a ser organizado, considerando ainda o Parecer 252/69, a partir de uma habilitação nuclear: Magistério das Matérias Pedagógicas, e uma segunda habilitação escolhida pelo estudante dentre estas: Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Educação Pré-escolar e Séries Iniciais.

Em 1997, nova reformulação curricular reúne em uma única habilitação Magistério para a Pré-escola e Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, cuja implantação ocorreu em 1998 (ABBUD; FAVARO e JUNIOR, 2010).

Quadro 6 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia UEL – 1992 a 1997

Disciplinas Comuns a todas as habilitações			
1ª Série	História da Educação I		
	Filosofia da Educação I		
	Psicologia da Educação I		
	Sociologia Geral e da Educação		
	Pesquisa Educacional I		
	Estudos de Problemas Brasileiros (disciplina extinta a partir de 1994)		
2ª Série	História da Educação II		
	Filosofia da Educação II		
	Psicologia da Educação II		
	Sociologia da Educação		
	Pesquisa Educacional II		
	Didática I		
3ª Série	Metodologia do Ensino das Séries Iniciais do Ensino Fundamental		
	Fundamentos da Alfabetização		
	Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio		
	Didática II		
	Prática do Ensino de 1º grau – Estágio Supervisionado		
	Introdução à Educação Especial		
	Psicologia Social		
Disciplinas Específicas a cada habilitação			
	Magistério das Matérias Pedagógicas do Segundo Grau e Supervisão Escolar	Magistério das Matérias Pedagógicas do Segundo Grau e Orientação Educacional	Magistério das Matérias Pedagógicas do Segundo Grau e Magistério para a Pré-escola
3ª Série	Princípios e Métodos da Supervisão Escolar	Princípios e Métodos da Orientação Escolar I	Fundamentos da Educação Pré-escolar
		Orientação Educacional e Familiar	Psicologia da Educação Pré-escolar
4ª Série	Princípios e Métodos da Supervisão Escolar II	Princípios e Métodos da Orientação Escolar II	Metodologia do Ensino da Pré-escola
	Planejamento Educacional	Medidas Educacionais	Arte e Educação Infantil
	Currículos e Programas	Orientação vocacional: educação e trabalho	Educação Infantil Pré-escolar
	Educação de Adultos	Orientação Educacional em empresa	Literatura Infantil

Fonte: Abbud, Favaro e Junior (2010, p. 10-11)

Neste período a disciplina História da Educação passa a ser ministrada na 1ª e 2ª séries. Foram encontrados planos de aula da disciplina referente aos anos 1992 (História da Educação I e II), 1995 (História da Educação II). A carga horária de ambas as disciplinas era de 136 aulas anuais.

Em 2002, seguindo orientações da Resolução CEPE nº 102/2001, novas adequações são realizadas à organização curricular: as Práticas de Ensino ou Estágios em Didática, Filosofia da Educação, História da Educação, Sociologia da Educação e Psicologia da Educação foram substituídos pelo Estágio Supervisionado em Magistério das Matérias Pedagógicas, a ser ofertado na 4ª série (ABBUD; FAVARO e JUNIOR, 2010).

Em 2005, nova reformulação curricular é implementada no Curso de Pedagogia da UEL. Tal reformulação não foi decorrente de nenhuma proposição legal, e sim para suprir as lacunas observadas pelos docentes do referido curso visando atender à necessidade de uma formação mais consistente do pedagogo. Neste sentido, o novo projeto político pedagógico do Curso aprovado pelo Departamento de Educação da UEL assume a docência como base para a formação do Pedagogo, uma vez que, desde o início, o Curso de Pedagogia da UEL é uma Licenciatura e pela aproximação com as discussões da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) realizadas na década de 1990 (ABBUD; FAVARO e JUNIOR, 2010).

Segundo Abbud, Favaro e Junior (2010, p. 13), professores do Curso de Pedagogia da UEL e membros do grupo de trabalho formado em 2004 com vistas à reformulação do Curso de Pedagogia da UEL, a nova proposta pedagógica indicava a necessidade de que o Curso fosse organizado de forma a promover uma “integração inter e intra-séries”, de forma que os conteúdos e atividades componentes da grade curricular “fossem construídos considerando objetivos estabelecidos para cada um dos períodos”. Com a implementação do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – a pesquisa passa a ser elemento integrador, perpassando todo o Curso.

Art. 2º O curso de Pedagogia, tendo a pesquisa como princípio educativo, tem por meta a formação de um profissional que seja capaz de articular os objetivos educacionais, com base nos pressupostos sócio-históricos, políticos e culturais às diferentes abordagens metodológicas (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2005, p. 2).

A nova reformulação curricular uniu as habilitações Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e instituiu as seguintes habilitações: Magistério para a Educação Infantil e Orientação e Supervisão Escolar.

Art. 4º A docência é considerada a base da formação do Pedagogo, sendo as Habilitações Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio o núcleo comum do curso, a partir do qual o formando escolhe ou a habilitação “Magistério para Educação Infantil” ou a habilitação “Orientação Educacional e Supervisão Escolar” ao final do 3º ano (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2005, p. 2).

Quadro 7 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia da UEL - 2005

Tronco Comum	
1ª série	Metodologia do Trabalho Científico em Educação
	Filosofia e Educação
	História da Educação
	Trabalho Pedagógico Docente e Não Docente I
	Psicologia do Desenvolvimento
	Educação e Tecnologia
	Sociologia da Educação
2ª série	Pesquisa Educacional
	Filosofia da Educação Brasileira
	História da Educação Brasileira
	Trabalho Pedagógico Docente e Não Docente II
	Psicologia da Aprendizagem
	Educação e Diversidade I
3ª série	Epistemologia, Ética e Educação
	Política e Legislação Educacional Contemporânea
	Didática da Língua Portuguesa para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Didática da Matemática para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Didática de Ciências para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Didática de História e Geografia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Didática Geral
	Educação de Jovens e Adultos
	Trabalho Pedagógico Docente
	Alfabetização
	Estágio Supervisionado para o Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio
	Estágio Supervisionado em Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Trabalho de Conclusão de Curso I
Disciplinas Específicas a cada Habilitação*	
Magistérios das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Magistério para a Educação Infantil	Práticas Educativas com Bebês
	Didática da Educação Infantil
	Ludicidade e Pedagogia
	Educação Infantil
	Infância, Cultura e Educação
	Estágio Supervisionado em Magistério para a Educação Infantil
Magistérios das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Orientação e Supervisão Escolar	Trabalho Pedagógico em Espaços de Educação Não Formal
	Trabalho e Educação
	Projeto Político-Pedagógico e Currículo
	Trabalho Pedagógico Não Docente: Orientação Educacional e Supervisão Escolar
	Estágio Supervisionado em Orientação Educacional
	Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar
	Estágio Supervisionado em Instituições Sociais

* As habilitações eram escolhidas pelo aluno ao final da 3ª série, portanto as disciplinas específicas são introduzidas a partir da 4ª série.

Fonte: Abbud, Favaro e Junior (2010, p. 13-14)

Nesse período a História da Educação continua sendo ofertada em duas disciplinas de 136 horas, uma na 1ª série – História da Educação - e outra na 2ª série – História da Educação Brasileira. Como fui aluna do curso neste período (2005 – 2008), faz-se importante comentar que as temáticas referentes à História da Educação, entendida como um saber que possibilita compreender os mais diferentes aspectos relacionados à trajetória da educação no Brasil e no mundo, compunham os programas dos professores de diferentes disciplinas na intenção de fornecer aos alunos o contexto histórico ao qual seu objeto de estudo, ou determinada questão abordada pela disciplina, se constituiu. É fato que um dos caminhos futuros para avançarmos nas pesquisas sobre o ensino de História da Educação no curso de Pedagogia passa também por investigações que busquem compreender essas abordagens

Em 2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Pedagogia foram instituídas pela Resolução CNE/CP n. 1, de 15/5/2006, na modalidade licenciatura. Segundo essas Diretrizes, o Curso de Pedagogia tem por objetivo a formação do docente para atuar na "Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos", conforme o artigo 2º, reiterado no artigo 4º. Em parágrafo único, a resolução esclarece que as atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino. A formação do especialista em educação foi excluída, isto porque as funções de administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional foram assimiladas à função docente.

Segundo o Art. 2º, § 2, o Curso de Pedagogia deverá proporcionar ao egresso, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, planejamento, execução e avaliação das atividades educativas, bem como aplicação ao campo da educação, de conhecimentos filosóficos, sociológicos, psicológicos, históricos, antropológicos, ambiental-ecológico, político e cultural.

Quanto aos princípios, a referida resolução, no Art. 3º, esclarece que a formação do Pedagogo deve fundamentar-se na "interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética". Mas, para isso, o egresso deve ver a escola como

uma organização complexa cuja função é a promoção para a cidadania; deve participar da gestão de processos educativos e da organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino e ter como ponto central a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados das investigações.

Quanto à organização estrutural do Curso de Pedagogia, a Resolução prevê, no Art. 6º, um núcleo de estudos básicos, um núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional priorizadas pelo projeto pedagógico das instituições e um núcleo de estudos integradores que proporcionará enriquecimento curricular, distribuídos em uma carga horária mínima de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, sendo 2.800 horas dedicadas às atividades formativas, 300 horas dedicadas ao Estágio Supervisionado prioritariamente em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando também outras áreas específicas e 100 horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos alunos, por meio da iniciação científica, da extensão e da monitoria. A História da Educação está prevista para compor as disciplinas do núcleo de estudos básicos.

No Art. 10º, é reafirmada a extinção das habilitações dos Cursos de Pedagogia, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução.

Ainda segundo esta resolução, o Curso de Pedagogia assegura a formação de profissionais da educação, em conformidade com o art. 64 da LDB 9.394/96, porém, não descarta que esta formação também possa ser realizada em cursos de pós-graduação, abertos a todos os licenciados.

Em suma, pode-se dizer que o Curso de Pedagogia, com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais, firmou-se como uma licenciatura, tendo como eixos norteadores a docência, a pesquisa e a gestão democrática; orienta para a formação de um pedagogo de modo abrangente e capaz de inserir-se em diversos espaços escolares e não escolares e extingue por completo as habilitações.

Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para os cursos de graduação em Pedagogia, instituídas em 2006, novas alterações curriculares são implantadas, a partir do ano letivo de 2007, no Curso de Pedagogia da UEL, resultando na extinção das habilitações. A Matriz Curricular do Curso de Pedagogia da UEL fica assim estabelecida:

Quadro 8 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia da UEL - 2007

Tronco Comum	
1ª série	Trabalho Pedagógico na Gestão Escolar
	Didática: Trabalho Pedagógico Docente
	Políticas Educacionais A
	Didática: Organização do Trabalho Pedagógico
	Filosofia da Educação I
	História da Educação I
	Educação e Diversidade
	Educação e Tecnologia A
	Metodologia do Trabalho Científico em Educação A
	Sociologia da Educação A
2ª série	Didática: Avaliação e Ensino
	Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil
	Coordenação do Trabalho Pedagógico Escolar e Não-escolar
	Psicologia do Desenvolvimento A
	História da Educação II
	Filosofia da Educação II
	Trabalho Pedagógico na Educação Infantil
	Pesquisa Educacional A
3ª série	Psicologia da Aprendizagem A
	Prática Educativa com Crianças de 0 a 3 anos
	Filosofia da Educação III
	Didática das Ciências da Natureza para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Alfabetização A
	Educação Especial
	História da Educação III
	Gestão Escolar e Currículo
	Saberes e Fazeres da Educação Infantil
	Trabalho de Conclusão de Curso I
	Estágio Supervisionado em Educação Infantil
	Estágio Supervisionado em Gestão Pedagógica
4ª série	Didática da Língua Portuguesa para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Didática da História para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Coordenação do Trabalho Pedagógico em Movimentos Sociais
	Didática da Matemática para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
	Didática da Geografia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Educação de Jovens e Adultos
	Trabalho de Conclusão de Curso II
	Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental
	Optativa I
	Optativa II
	Optativa III
	Optativa IV
	Disciplinas Optativas
Organização de Ambientes de Aprendizagem: Contribuição da Psicologia Educacional	
Didática: Tecnologias e Aprendizagem	
Alfabetização: Tendências Atuais	
Tópicos Especiais em História da Educação	
Educação e Ludicidade	
Educação e Trabalho	
Temas Filosóficos Contemporâneos e Educação	
Atuação do Pedagogo em Espaço de Educação não formal	
Construção de Práticas Interdisciplinares nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	
Saberes e Fazeres do Professor diante das dificuldades de Aprendizagem	
Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização, Letramento e Linguagem	
Tópicos Especiais em Didática	

Fonte: Universidade Estadual de Londrina (2006, p. 4-6)

Neste período, a disciplina História da Educação passa a ser ministrada na 1ª (História da Educação I), 2ª (História da Educação II) e 3ª série (História da Educação III). A carga horária correspondente a cada disciplina era de 68 aulas.

Em função da imposição da resolução do Conselho Nacional de Educação n. 03 de 02 de julho de 2007, que trata do ajuste hora-aula de 60 minutos, novas adequações são feitas na grade curricular do Curso de Pedagogia, a vigorar a partir do ano letivo de 2010. Para tanto, o Curso de Graduação em Pedagogia da UEL passa a ter a duração mínima de 4,5 (quatro e meio) anos, ficando assim estabelecida a matriz curricular:

Quadro 9 – Organização Curricular do Curso de Pedagogia - 2010

Tronco Comum	
1ª série	Trabalho Pedagógico na Gestão Escolar A
	Didática: Trabalho Pedagógico Docente A
	Políticas Educacionais B
	Didática: Organização do Trabalho Pedagógico A
	Filosofia e Educação: Aspectos Antropológicos
	História da Educação: Surgimento da Escola Moderna
	Educação e Diversidade A
	Educação e Tecnologia B
	Metodologia do Trabalho Científico em Educação B
	Sociologia da Educação B
2ª série	Didática: Avaliação e Ensino A
	Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil A
	Coordenação do Trabalho Pedagógico Escolar e Não-escolar A
	Psicologia do Desenvolvimento B
	História da Educação Brasileira: Séculos XVIII e XIX
	Filosofia e Educação: Aspectos Epistemológicos
	Educação Infantil A
	Pesquisa Educacional B
3ª série	Psicologia da Aprendizagem B
	Prática Educativa com Crianças de 0 a 3 anos A
	Filosofia e Educação no Brasil
	Didática da Matemática para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental B
	Alfabetização B
	Educação Especial A
	História da Educação Brasileira: Século XX
	Gestão Escolar e Currículo A
	Saberes e Fazeres da Educação Infantil A
	Trabalho de Conclusão de Curso I A
Estágio Supervisionado em Educação Infantil	
4ª série	Didática da Língua Portuguesa para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
	Didática da História para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
	Coordenação do Trabalho Pedagógico em Espaços de Educação Não-formal
	Didática das Ciências da Natureza para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
	Didática da Geografia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
	Educação de Jovens e Adultos A
	Trabalho de Conclusão de Curso II A
	Estágio Supervisionado em Gestão da Educação Escolar
	Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental A
5ª série	Tópicos Especiais em História da Educação A
	Filosofia e Educação: Aspectos Axiológicos
	Saberes e Fazeres do Professor Diante das Dificuldades de Aprendizagem A
	LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
	Tópicos Especiais em Didática A
	Trabalho de Conclusão de Curso III A
	Estágio Supervisionado em Gestão da Educação Não-Formal

Fonte: Universidade Estadual De Londrina (2009, p. 5-6)

Nesta nova configuração curricular, a disciplina História da Educação continua a ser ministrada na 1ª, 2ª e 3ª série, com carga horária de 68 aulas.

O quadro destacado acima é o da reconfiguração mais geral pela qual os Cursos de Pedagogia do Brasil e da UEL sofreram e, é nesse contexto de reconfiguração que a História da Educação se constituiu como disciplina.

Desde a sua instituição, em 1939, o Curso de Pedagogia passou por várias reformulações curriculares; mudanças estas que atribuíram várias identidades ao curso e, conseqüentemente, ao seu egresso. A compreensão dessas atribuições faz-se necessária na medida em que refletem uma tomada de consciência, gerada em diferentes contextos sócio-históricos, acerca de suas finalidades e seus desdobramentos na configuração curricular.

A disciplina História da Educação seguiu itinerário bastante parecido, pois, assim como o Curso de Pedagogia, obedeceu às demandas das esferas sociais e científicas; assumiu novas formas de pensar, pesquisar e narrar o percurso histórico da educação, cujos desdobramentos resultaram em diversos perfis programáticos; no entanto, esta permaneceu em sua grade curricular, fato este que nos permite inferir a importância desta para a formação do pedagogo. O mesmo movimento pode ser notado no Curso de Pedagogia da UEL, permitindo concluir que o mesmo também assumiu os saberes advindos da História da Educação como fundamentais para a formação profissional e social do seu egresso.

De acordo com Saviani (2005), a partir das últimas décadas que estes estudos se desenvolveram efetivamente em direção ao esclarecimento da legitimidade da História da Educação como saber especializado e a valorização do seu ensino nos cursos de formação de professores. A característica marcante dessa nova fase é o esforço que os pesquisadores especializados na disciplina têm feito em direção a adquirir competência no âmbito historiográfico, de modo a estabelecer diálogo com a História.

Nesse processo de reconfiguração, segundo Carvalho (2005, p. 35), “a história da educação se multiplica em uma pluralidade de domínios” tais como a história das disciplinas escolares, história da profissão docente, história do currículo, história do livro didático entre outros, ampliando as discussões antes ancoradas na história das ideias pedagógicas e dos sistemas educacionais.

Neste capítulo, a organização curricular do Curso de Pedagogia e a presença da disciplina História da Educação neste foram o foco de atenção deste texto. A seguir, as análises serão centralizadas na organização curricular da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da UEL.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS PROGRAMAS DA DISCIPLINA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

De acordo com as perspectivas apontadas por Frago (1995), a apreensão e compreensão dos programas de ensino bem como dos elementos que os constituem, tais como objetivos, conteúdos abordados, procedimentos didáticos e referências bibliográficas, fornecem subsídios para se compreender a formação de profissionais e determinar seus campos de atuação, pois

las disciplinas académicas no son entidades abstractas. Tampoco poseen una esencia universal o estática. Nacen y evolucionan, surgen y desaparecen; se desgajan y se unen, se rechazan y se absorben. Cambian sus contenidos; también sus denominaciones. Son espacios de poder, de un poder a disputar; espacios que agrupan intereses y agentes, acciones y estrategias (FRAGO, 1995, p. 66).

A proposição contida nesta forma de abordar as disciplinas escolares, tomando-as não como simples transposição ou vulgarização de saberes (CHERVEL, 1990), e sim como um campo de pesquisa cujas análises e explicações estão relacionadas a processos de investigação mais amplos, tais como os condicionantes histórico-sociais acerca dos quais estão vinculados a gênese, desenvolvimento e função das disciplinas, é muito salutar, pois, traz contribuições relevantes para a compreensão do itinerário percorrido pela disciplina e os perfis adotados ao longo de sua história.

Desde a sua instituição como disciplina nos currículos dos Cursos de Pedagogia até os dias de hoje, a História da Educação tem passado por transformações e mudanças na sua configuração no que se refere ao seu ensino. De acordo com Rodrigues (2011, p. 153), nos programas de ensino de História da Educação podem-se perceber os métodos e as concepções “que se expressam segundo suas diferenças relativas às características institucionais no interior do currículo acadêmico”.

Neste sentido, propõe-se neste capítulo analisar a configuração do ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina a partir dos programas da disciplina, pois, segundo Rodrigues (2011, p.

150), neste “espaço específico da realização das atividades de ensino, há um conjunto de aspectos que determinam a institucionalização de uma disciplina em cursos numa universidade”. Para tanto, foram selecionados programas de 1962 até 2009, e os elementos considerados nas análises foram as nomenclaturas da disciplina, ementas e objetivos, conteúdos programáticos e bibliografia selecionada. O intento foi identificar as mudanças e permanências, avanços e retrocessos e perfil programático assumido pela disciplina durante esse período.

Optou-se, também, por ouvir os agentes executores destes programas, a fim de estabelecer conexões entre as evidências documentais e orais acerca do processo de constituição da disciplina História da Educação e configuração do seu ensino na Universidade Estadual de Londrina. Assim, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com professoras atuais da disciplina; utilizaram-se, também, duas entrevistas realizadas no ano de 2005 com professoras do Curso de Pedagogia da UEL, agora aposentadas.

2.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ENSINADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEL

A História da Educação assumiu diversos perfis programáticos enquanto disciplina e Nóvoa (1996) identifica quatro tradições principais as quais se assentam o percurso mundial do seu ensino: de início, organizando-se como uma reflexão essencialmente filosófica (século XIX) onde, através da glorificação do passado, descreve-se a evolução educativa como uma marcha para o progresso, procurando tirar desse passado lições para o presente. Para Nóvoa (1996, p. 11), não se pode separar a gênese do pensamento histórico educacional da necessidade que os reformadores do século XIX sentiam em prover “seus esforços educativos de uma história gloriosa, isto é, narrada como uma evolução constante das trevas para as luzes [...]”. Neste sentido, a história das ideias foi a temática central ao longo de todo o século XIX, constituindo-se quase que numa tradição educacional, pois ainda hoje, mais de um século depois, “muitas histórias da educação continuam a ter como referência central os cânones historiográficos inventados no século XIX” (NÓVOA, 1996, p. 12).

No final do século XIX e começo do século XX, uma nova tendência, mais marcadamente institucional, vem juntar-se à tradição anterior, a

qual através da rememoração legislativa produziu uma história legitimadora das políticas educativas do presente. Segundo Nóvoa (1996, p. 12), “esta corrente tem como referência a evocação dos sistemas educativos e das instituições escolares”. Dotados de uma atitude positivista, os historiadores da educação reuniam um conjunto de diversos fatos e documentos sobre o passado educativo; no entanto, era uma tarefa “que se esgotava numa lógica descritiva e enciclopédica, num certo sentido, preliminar à reflexão histórica, mas não se podendo confundir com ela” (NÓVOA, 1996, p. 13).

Em oposição a estas duas tradições surge uma terceira (meados do século XX), com uma perspectiva social, imbuída de ideias marxistas e neomarxistas, conferindo à História da Educação importante renovação conceitual e metodológica. Nóvoa (1996) chamou este período de revisionismo dos anos 60/70, onde as narrativas celebratórias são substituídas por discursos críticos, levando-se em consideração as dimensões sociais, políticas e econômicas. As duas grandes tradições que impulsionaram essa “nova” História da Educação foram a Escola dos Annales e a Sociologia Crítica dos anos de 1960.

Nos anos 80 (final do século XX), a História da Educação passa por um período chamado por Nóvoa (1996) de pós-revisionismo, onde pode ser observada uma diversidade de perspectivas e justificativas quanto a sua inclusão nas grades curriculares dos cursos de formação de professores e inclusão de novas temáticas e objetos de reflexão. Porém, não se trata, somente, de uma diversificação temática, mas sim de um regresso às questões educativas propriamente ditas: “advoga-se uma perspectiva etnográfica, e não internalista, que seja capaz de mobilizar abordagens antropologias, culturais, linguísticas, psicológicas e sociológicas” (NÓVOA, 1996, p. 24).

Com efeito, a História da Educação tem se aproximado dos métodos investigativos da nova História Cultural, abrindo-se para a definição de novos fundamentos, instrumentos metodológicos e objetos, como o processo de profissionalização docente, práticas escolares e sua organização, tomando como fontes diferentes tipo de documentos e discursos, “à procura das melhores estratégias para compreender historicamente as semelhanças e as diferenças dos processos escolares e educativos” (NÓVOA, 1996, p. 24).

Em termos de História da Educação no Brasil, pode-se perceber, a partir da leitura e análise de pesquisas publicadas acerca do ensino da disciplina

(WARDE, 1990; BUFFA, 1990; NUNES, 1996; FARIA FILHO E RODRIGUES, 2003; CARVALHO, 2005; FÁVERO, 2005; BASTOS, BUSNELLO E LEMOS, 2006; WARDE, 2006) que o processo de redefinição do perfil programático da História da Educação percorreu o mesmo itinerário apontado por António Nóvoa, acima descrito. No entanto, há que se levar em consideração que a disciplina História da Educação foi instituída efetivamente no Brasil a partir de 1920 “antes mesmo da criação de uma estrutura de pesquisa em educação e, de modo particular, da conjugação de esforços efetivos da pesquisa em História da Educação” (GATTI JUNIOR, 2007, p. 112). Isso explica a diferença, em relação aos períodos, do itinerário percorrido pela disciplina aqui no Brasil e na Europa.

2.1.1 Nomenclaturas da Disciplina

No que se refere aos nomes da disciplina, nota-se que prevalece a denominação História da Educação, a qual se acrescenta, ou não, um número identificando sua posição na grade curricular do curso. Em 1976, encontrou-se a variação História da Educação Brasileira e, em 2008, a variação História da Formação de Professores. Nesta última, no entanto, o foco da disciplina, como o próprio nome já indica, era a formação e atuação dos professores nos diferentes tempos e espaços; compôs a grade curricular somente de 2008 e, posteriormente, foi oferecida como disciplina optativa.

2.1.2 Ementas e Objetivos

Os programas analisados apresentam alterações quanto a sua organização formal. Nos anos de 1963 a 1972, os programas não contemplam o item ementa, somente objetivos; a partir de 1975, os objetivos não são mais expostos, dando lugar às ementas.

No que se refere aos objetivos, percebem-se poucas alterações, permanecendo praticamente os mesmos até 1975, tanto para a disciplina ministrada no 2º ano como para o 3º ano. Há que se ressaltar que durante este período a disciplina ficou sob a responsabilidade da Professora Zenite T. Ribas Cesar. Dentre

os mais importantes, retirados dos programas elaborados para a 2ª e 3ª série do Curso de Pedagogia da UEL podem-se destacar:

1. Aquisição de conhecimentos de História da Educação que venham auxiliar os alunos a terem uma visão geral da evolução da educação através dos diferentes povos e épocas;
2. Fornecer uma base histórica profunda sobre a qual se podem apoiar juízos acerca da educação;
3. Estudar algumas teorias pedagógicas, observar e analisar até que ponto recebemos suas influências;
4. Estudar a relação entre a Cultura, a História e a Educação, pois os educadores precisam entender a cultura na qual a educação coopera e a cujo acervo contribui e ainda, estudar, o papel da educação na cultura como um elo que liga as instituições sociais, valores, crenças e atitudes que determina o comportamento humano em determinada época e lugar;
5. Ajudar os alunos a compreender os problemas atuais, como estes surgiram e que forças podemos tirar do passado para atuar no presente e mover-se para o futuro;
6. Estimular o espírito crítico e de pesquisa para que possam quando educadores, resolver séria e acertadamente os problemas da educação que se lhe apresentem;
7. Contribuir para preservar os valores estabelecidos ao longo da História da Educação e promover a centralização desses valores como uma parte essencial e proeminente na preparação dos educadores. Assim o passado não será estudado apenas como erudição, mas como uma explicação para a situação atual fornecendo uma fundamentação teórica ao trabalho do educador e lhe fornecendo condições para refletir.

Nos objetivos listados acima, percebe-se que a disciplina de História da Educação foi inserida nos cursos de formação de professores a partir da concepção positivista e pragmática de História, a qual procurava tirar do passado lições para o presente, produzindo, assim, uma história legitimadora das opções do presente. Nesse sentido, a principal função da disciplina era a de fornecer “matéria para reflexão filosófica sobre os fins da educação, ilustrando o pedagogo com o

fornecimento de um repertório de ideais e valores corporificados em grandes sistemas pedagógicos” (CARVALHO, 2005, p. 34).

Outro aspecto relevante a ser considerado, como explica Warde (2006), é que a História da Educação foi incluída nos currículos dos cursos de formação do magistério como “irmã siamesa” da Filosofia da Educação e assim foi mantida por décadas. Esta aproximação das duas áreas assenta-se no fato de que

a História da Educação é filha tardia da idéia de aportes múltiplos à Educação; não é incluída, entre as ciências auxiliares, com o mesmo escopo das matriciais, quais sejam, Psicologia, Sociologia e Biologia; se não tem nada a oferecer para que o presente seja objeto de controle, a sua utilidade é pensada como de natureza disciplinar. Assim como a Filosofia não poderia ser denominada apropriadamente de ciência, a História também não o poderia; mas, ambas deveriam responder à necessidade de os futuros professores cogitarem do dever ser educacional, dos valores humanos mais elevados a serem preservados e despertados pela prática da educação. Assim, Filosofia e História da Educação são incorporadas, não exatamente como ciências, mas como disciplinas formadoras (WARDE, 1990, p. 8).

Para Warde (1990, p. 8), esse vínculo entre as disciplinas Filosofia da Educação e História da Educação nos programas dos cursos de formação de professores faz parte da herança educacional que nos foi transmitida pelos chamados renovadores da educação, pois, quando estes, na década de 1920, “disseminaram a idéia de que a Educação demanda, pelas suas singularidades ‘teóricas’ e ‘práticas’, o concurso de várias ciências, a História não estava ali computada”. Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira foram idealizadores de projetos políticos de organização do sistema nacional de educação e como técnicos, assessores e diretores das principais instituições governamentais que fomentaram o desenvolvimento do ensino e da pesquisa no país, puderam, por cerca de meio século, colocar em prática suas ideias (CARVALHO, 2005).

Isto, segundo Warde (1990, p. 9), deixou uma marca conformadora a qual a História da Educação carregava: “a de ter nascido para ser útil e para ter sua eficácia medida não pelo que é capaz de explicar e interpretar dos processos históricos objetivos da Educação, mas pelo que oferece de justificativas para o presente”. De acordo com Nóvoa (1996, p. 6), isso fez com que a História da Educação sofresse um “esvaziamento das suas dimensões epistemológicas e heurísticas”, perdendo o sentido de sua própria história adotando um registro

técnico e descritivo. Estes, para o autor, foram os motivos que fizeram a História da Educação sofrer um declínio, perdendo sua função crítica e teórica, deixando de ter qualquer interesse prático para a formação de professores. Carvalho (2005, p. 38) afirma que esta concepção das finalidades do ensino de História da Educação “traí o que é essencial ao trabalho historiográfico”, pois dissimula a possibilidade de compreensão da historicidade própria das práticas sociais investigadas.

Segundo Warde (2006, p. 91), a narrativa histórica sobre o passado educacional construída nessa época também sofria uma pragmatização moral, “porque dela deveria se tirar alguma lição, algum ensinamento doutrinário”. Esta hipótese de Mirian Warde foi construída após a verificação, através de pesquisas destinadas à reconstituição dos itinerários acadêmicos e escolares, de alguns fatores: o modelo do Curso de Pedagogia trazido para o Brasil vem de Louvain, na Bélgica, trazido pela Igreja Católica; esta também teve participação na produção de livros destinados a esses cursos e forte presença da intelectualidade masculina de origem religiosa no controle teórico, político e ideológico do campo educacional (WARDE, 2006).

Apesar de estarem separadas na grade curricular do Curso de Pedagogia da UEL, as disciplinas Filosofia da Educação e História da Educação foram ministradas de forma conjunta pela Professora Estela Kobaiashi até 1964, assim como fazia no Curso Normal, onde também lecionava desde 1955 (TUMA, 2006). Com a vinda da Professora Zenite Terezinha Ribas César, a disciplina História da Educação passou a ser sua responsabilidade. No entanto, esta separação foi formal, pois a Professora entrevistada Estela Kobaiashi achava “[...] que não poderia desvincular também, uma coisa da outra”. Sendo assim, propôs a Professora Zenite Cesar que trabalhassem juntas, uma vez que, segundo a Professora Estela Kobaiashi

a disciplina era conjunta e há muitos pontos de contato e elas realmente estão entrelaçadas, mas há determinados assuntos que eu tenho que tratar sozinho em Filosofia, mas esses pontos de contato eu não queria também ficar desmembrando, então nós vamos trabalhar juntas em determinados assuntos? Vamos trabalhar junto? E em alguns assuntos nós trabalhamos juntas, e deu certo!

Considerando o contexto histórico em que ambas as professoras se formaram pedagogas, as décadas de 1950-60, e o tipo de referencial teórico a que

tinham acesso nestas épocas, percebe-se que as professoras deram continuidade a tradição de se considerar as disciplinas História da Educação e Filosofia da Educação como “irmãs siamesas”.

A Professora Zenite Cesar também conta em sua entrevista que foi aluna do Prof. Fernando de Azevedo, no Curso de Pedagogia na Universidade de São Paulo (USP): “No primeiro ano tive aula com aquele da sociologia, bem velho, o Fernandão, Fernando de Azevedo, ele era catedrático da USP, vivia numa elegância...”. Fernando de Azevedo é o autor do livro *A Cultura brasileira*, de 1943, cuja última parte, denominada *A transmissão da cultura* tornou-se, segundo Saviani (2005, p. 22), “referência, por assim dizer, obrigatória, nos estudos de história da educação que a ela se seguiram”.

Em relação à importância da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da UEL, a Professora Zenite Cesar corrobora o que Warde (1990) assinala em citação anterior em relação à supervalorização da Psicologia nos Cursos de Pedagogia: “[...] já tinha uma tendência para valorizar mais a psicologia, e mais tarde essa tendência foi muito forte, muito forte mesmo, se não fosse a psicologia o resto não adiantava para nada”. Segundo a professora, isso também se refletia na fala dos alunos, pois quando perguntava a eles o que esperavam da disciplina, obtinha a seguinte resposta:

História da Educação, para a cabeça deles, era uma história de métodos, acho que essa confusão existe até hoje, porque eu lembro muito bem que isso era muito forte, todo ano eu ouvia a mesma resposta. Ai quando eu dizia que não era isso não, era perceptível o desânimo dos alunos...

Há que se ressaltar, com Saviani (2005, p. 20), que, no caso da História da Educação, diferentemente de como ocorria nas outras disciplinas da área de fundamentos da educação como a Filosofia da Educação, a Psicologia da Educação e a Sociologia da Educação, não eram contratados professores formados em cursos de História, “mesmo porque não havia espaço, aí, para a história da educação”. Neste sentido, os professores chamados a lecionar a disciplina História da Educação eram aqueles formados nos Cursos de Pedagogia, fazendo com que a disciplina História da Educação fosse firmando-se como um campo de estudos “cultivado predominantemente por investigadores oriundos da área da educação” (SAVIANI, 2005, p. 20), fazendo com que a mesma se afastasse dos domínios da

investigação histórica, de forma a não considerar os elementos inovadores advindos, tanto do marxismo, quanto dos Les Annales, por exemplo.

Após 1975 o formato dos planos de curso muda; objetivos gerais e específicos deixam de ser elencados dando lugar ao item ementa, dificultando, assim, análises mais aprofundadas sobre o que, de fato, se pretendia, em relação à formação do pedagogo, com a disciplina História da Educação. Cumpre, ainda, chamar atenção para o fato de que as ementas são pouco específicas, genéricas, contemplando somente as temáticas, descritas de forma muito sucinta, abordadas pelo plano de aula.

De 1972-73 até 1992, o Curso de Pedagogia da UEL funcionou a partir do sistema de créditos. Neste período a disciplina foi ministrada por 5 professores diferentes, no entanto, houveram poucas mudanças nas ementas:

- História da Educação I (1975, 1982): conceituação, Educação Clássica (Grécia e Roma), Educação Medieval e Educação Renascentista.
- História da Educação II (1977, 1982): Educação do séc. XVII, Educação do séc. XVIII, Educação do séc. XIX e Educação do séc. XX.
- História da Educação III (1982, 1989): Brasil Colônia, Jesuítas, Marques de Pombal, Brasil Reino: D. João VI, Brasil Império, Brasil República: influência do Positivismo, Reformas no período, repercussão dos movimentos da ABE, a Revolução de 1930 e a educação, da Constituição de 1946 até a Lei nº 4.024, educação brasileira hoje.
- História da Educação no Brasil (1976): Brasil Colônia, Jesuítas, Marques de Pombal, Brasil Reino: D. João VI, Brasil Império, Brasil República: influência do Positivismo, Reformas no período, repercussão dos movimentos da ABE⁶, a Revolução de 1930 e a educação, da Constituição de 1946 até a Lei nº 4.024, educação brasileira hoje.

⁶ Associação Brasileira de Educação, fundada na década de 1920, por intelectuais conhecidos como renovadores da educação. Em 1932, a ABE lançou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo.

Apesar de pouco descritivas, as ementas acima indicam que neste período a História da Educação ensinada era a história das doutrinas pedagógicas ou do pensamento pedagógico e seus principais representantes e filósofos e das políticas educacionais advindas da ação estatal. Ainda prevalecia a concepção positivista e pragmática que considera a História da Educação e seus conteúdos como “lições” para o presente, ainda que estejam subjacentes as questões culturais. No entanto, discorrer amplamente sobre tais influências fica difícil, pois são poucas as evidências, uma vez que as ementas são pouco específicas, isso vai ficar mais claro quando considerados os conteúdos e a bibliografia adotada pelos professores neste período são analisadas.

A partir de 1992, o Curso de Pedagogia volta para o sistema seriado. Nota-se, a partir deste período, que se busca estabelecer relações entre o processo de constituição e sistematização da educação e constituição e sistematização dos sistemas escolares com o processo de constituição das sociedades. Ora essas relações são estabelecidas com o contexto político, ora com o contexto econômico:

- História da Educação I (1992, 1998, 1999): Objetos e métodos da História, os fundamentos doutrinários da educação clássica e cristã, a colonização brasileira e o transplante da educação europeia para o Brasil, ascensão da burguesia na Europa e as origens da escola pública, o processo de emancipação política da colônia e as medidas educacionais tomadas pelo Estado independente;
- História da Educação (2005, 2006): o processo histórico de sistematização da Educação desde a Antiguidade até o século XX;
- História da Educação I (2007, 2009): o processo histórico de sistematização da educação e da escola no ocidente e na realidade brasileira do século XV o século XVIII;
- História da Educação II (1992,1995): os modelos culturais do mundo desenvolvido – o positivismo e o liberalismo e suas implicações na sociedade brasileira, a nova ordem econômica mundial e o fim da Primeira República no Brasil, o Estado Nacional e o autoritarismo, e liberal democracia e a discussão

sobre a política educacional de 1946–1964, a internacionalização da economia brasileira e seus reflexos no campo educacional, da burocracia do Estado ao modelo tecnocrático da educação, tendências e perspectivas atuais da educação brasileira;

- História da Educação II (2008): o processo de constituição histórica da educação e da escola no Brasil tendo por referência a educação ocidental do final do século XVIII e século XIX;
- História da Formação de Professores (2008): a história da formação de professores nos diferentes tempos e espaços, processo histórico da construção da identidade profissional de professores no Brasil;
- História da Educação III (2009): o processo de constituição da educação e da escola no Brasil no século XX nos seus diferentes níveis e modalidades.

Os dados acima indicam, a partir da década de 1990, uma história da educação imbuída por uma perspectiva social, advinda da crítica de historiadores e sociólogos (marxistas e neomarxistas). Outro aspecto a se considerar, também, a partir da década de 1980, que a criação de inúmeros grupos de pesquisa dedicados à História da Educação (ANPEd, HISTEDBR, SBHE entre outros) trouxeram contributos importantes e uma renovação conceitual e metodológica para a produção destinada ao ensino da disciplina.

As ementas da década de 2000 mostram que as inovações não pararam por aí. Verifica-se que a temática abordada passa a ser a relação entre o processo de constituição da educação com o processo de constituição dos sistemas escolares. Segundo Warde (2006), esse movimento de renovação temática deve-se, principalmente, à aproximação, cada vez maior, da História da Educação ao campo da História e “a proeminência da História Cultural sobre outras vertentes da História” (p. 95). Para Abbud, Fávaro e Luiz Jr. (2010, p. 1) as pesquisas em História da Educação têm sido influenciadas pela Nova História

abrindo novas perspectivas para a definição de objetos de investigação como as práticas escolares e a sua organização tomando como fontes tanto diferentes tipos de documentos quanto depoimentos de seus protagonistas. Nesse sentido, as instituições educativas passam a constituir campo fértil de investigação em história da educação.

Nas ementas, esse movimento fica pouco claro, porém, pode-se verificar com mais clareza essa renovação quando se leva em consideração a criação dos grupos de pesquisa, coordenados por professores da disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da UEL, intitulados História das instituições educativas no Paraná - o Curso de Pedagogia da UEL (2007-2010) e localização e catalogação de fontes para pesquisa da história das instituições educativas escolares e não escolares de Londrina (2010-2013).

A disciplina História da Formação de Professores, que compunha a grade curricular de 2005, ministrada em 2008, foi suprimida com a reformulação curricular do Curso de Pedagogia no ano de 2007. Segundo a professora entrevistada Maria Luiza Abbud, a proposta curricular de 2005 visava definir a História da Educação como um dos eixos da formação do pedagogo, assim sendo, teve sua carga horária aumentada, passando a ofertar a disciplina História da Formação de Professores na 4^o série. Importante ressaltar que, nesta reformulação, foi fixada a docência como base para a formação do Pedagogo, discussão esta já proposta pela ANFOPE desde a década de 1990. Os conteúdos correspondentes a esta disciplina davam continuidade aos conteúdos ministrados na disciplina História da Educação I (História da Educação Geral) e História da Educação II (História da Educação Brasileira) e sistematizava tais conteúdos usando como referência um protagonista importante: o professor. No entanto, na reformulação curricular de 2007, após longos debates, esta disciplina foi considerada prescindível. Na opinião da professora Maria Luiza Abbud, a explicação para a supressão desta disciplina assenta-se na crença da falta de utilidade prática da disciplina História da Educação e suas contribuições para a formação do pedagogo, por parte das outras áreas de concentração que compõem o Curso de Pedagogia.

2.1.3 Conteúdos Programáticos e Bibliografia Básica

Em relação às temporalidades das temáticas adotadas, estas estão organizadas de forma cronológica e abrangem desde a Antiguidade até o século XX, desdobrando-se em múltiplas temáticas, ora com ênfase nas ideias pedagógicas e seus principais representantes, ora demarcadas a partir de uma história política ou legislativa, ora com temporalidades propriamente educacionais.

Geralmente são adotados temas consagrados pela historiografia educacional brasileira, considerados como fundamentais para a disciplina, consagrados pelos manuais adotados como bibliografia básica. Importante chamar a atenção para o fato de que todos os programas da disciplina começam com o item Introdução ao estudo da História da Educação, onde são abordados a importância do seu estudo e seus métodos e fontes.

Nos planos analisados correspondentes às décadas de 1960 a 1980, encontram-se poucas alterações nas temáticas abordadas, estas ficam por conta da distribuição dos conteúdos por séries:

- História da Educação I: 1. Tradicionalismo Pedagógico (educação dos povos primitivos e suas práticas educacionais), 2. Educação nas Culturas Orientais (Índia, China, Egito, Judéia e Pérsia), 3. Educação na Antiguidade Greco-Latina (a posição dos gregos na H. E., a educação homérica, espartana, ateniense e sofística, a educação do período clássico: Sócrates, Platão e Aristóteles, a educação helenística, a importância dos romanos na H. E., a adoção da educação grega, a pedagogia Humanista e a pedagogia da época imperial), 4. Educação Medieval (a importância do cristianismo na H. E., a educação apostólica, patrística, monástica e escolástica), 5. Educação Renascentista (o humanismo pedagógico, ideias pedagógicas do Renascimento e principais representantes, educação da Reforma e da Contra-Reforma: reforma protestante e reforma católica)
- História da Educação II: 1. O Realismo Pedagógico (o Realismo Humanista, Social e Naturalista, Comenius e Locke), 2. O Naturalismo Pedagógico (o movimento do Iluminismo, do Naturalismo e Rousseau), 3. Sistematização científica da Pedagogia (o desenvolvimento científico dos séculos XVII e XIX, Pestalozzi, Froebel e Herbart), 4. O Progresso Educacional no século XX (Filosofia da Educação Contemporânea, a Psicologia Educacional, a Administração Escolar e principais representantes: Dewey, Kerchensteiner, Montessori, Dewoly, Claparede, Freinet e Makarenko)

- História da Educação III: 1. O problema da periodização da Educação no Brasil, raízes da Educação no Brasil, Educação Colonial (a educação jesuítica e reformas pombalinas), 2. Brasil Reino (as criações de D. João VI), 3. A Educação no Império (1º e 2º Império), 4. Educação Republicana (as reformas na 1ª República, a Revolução de 1930 e a Educação, a Constituição de 1946, a elaboração das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024, as transformações trazidas pelas Leis nº 5.540 e nº 5.692 e panorama geral da Educação na década de 1970)

Outra característica da disciplina que se pode apontar é a presença marcante de uma orientação religiosa, já analisada anteriormente neste capítulo. De acordo com Warde (2006, p. 92), este “é um traço visível, que se patenteia no delineamento do conteúdo e, quando aparecem registros, na bibliografia adotada”. Quanto aos conteúdos adotados, estes “reportavam-se aos modelos de formação do homem supostamente adotados pela sociedade” (WARDE, 2006, p. 92) e não ultrapassavam as fronteiras da Idade Média; a partir da Idade Moderna, esses modelos davam lugar aos pensadores ou filósofos da Educação.

Nunes (1996, p. 71) observa que os historiadores da educação desta época, com raras exceções, “posicionavam-se como quem constata, (...) parecem convictos de que a descrição de uma série de eventos garante por si a constituição da história da educação enquanto um *continuum*”. Certamente imbuídos da ideia de progresso de cariz positivista, considerando que o processo histórico de formação das sociedades e dos indivíduos se dá de forma linear e contínua, desprezando as permanências e rupturas ocorridas durante esse processo.

Em relação à bibliografia básica correspondente a este período verificaram-se poucas alterações e, entre as permanências, destacam-se as seguintes obras:

- BURNS, E. História da civilização ocidental. Rio de Janeiro: Ed. Globo;
- CABALLERO, Alexandre. A filosofia através dos textos. São Paulo: Cultrix, [19--];
- ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. Historia de la Pedagogía. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica;

- EBY, F. História da Educação Moderna. Porto Alegre: MC/ED Globo;
- GALINO, M.A. *Historia de la educació - Edades Antigua y Media*. Madrid: Editorial Gredos;
- GILBERT, R. As idéias actuais em Pedagogia. Lisboa: Moraes Editores;
- HANS, N. Educação comparada. São Paulo: Companhia Nacional,
- JAEGER, Werner. Paidéia: A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes;
- LARROYO, F. História geral da pedagogia. São Paulo: Mestre Jou;
- LUZURIAGA, L. História da educação e da pedagogia. São Paulo: Cia. Ed. Nacional;
- MARROU, H. T. História da Educação na Antiguidade. São Paulo: Editora Herder;
- MAYER, F. História Del Pensamiento Pedagógico. Buenos Aires: Editorial Kapeluz
- MONROE, P. História da Educação. C. E. N. São Paulo: Companhia Nacional;
- MORENO, G. J. M., POBLADOR, A. y DEL RIO, D. Historia de la Educación, Madrid, BIE;
- ROSA, M. de G. A História da Educação através dos textos. São Paulo: Cultrix.

Cumprе destacar que, ocasionalmente, a História da Educação Brasileira surge, a partir da década de 1970, como uma unidade ou subunidade no final de alguns planos de curso. Nos anos de 1976, 1982 e 1989, encontramos planos de curso voltados inteiramente para a História da Educação Brasileira com uma extensa bibliografia (mais de 40 títulos). De acordo com a professora Zenite Cesar, até o final da década de 1970, praticamente nem se falava em História da Educação Brasileira, pois se dava maior ênfase aos conteúdos da História Geral. Perguntada se ela se lembra de quando surgiram as discussões acerca da História da Educação Brasileira, a professora Zenite Cesar responde:

[...] acho que depois de 70, no período militar que começou a educação brasileira, tinha pouquíssima coisa escrita a respeito, muito pouco mesmo. Mas começou assim, então eu lembro até que uma vez eu fiz um programa que acharam muito bom, então quando começava o tema jesuítas, eu inseria a educação brasileira, tentando acompanhar a história geral com a história brasileira junto e eles gostaram muito dessa experiência. Depois de uns cinco anos é que teve uma disciplina História da Educação brasileira.

Dentre estas obras podemos destacar:

- AZEVEDO, F. A cultura brasileira: introdução ao assunto da cultura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos;
- AZEVEDO, F. A educação entre dois mundos. São Paulo: Melhoramentos;
- AZEVEDO, F. Novos caminhos e novos fins. São Paulo: Melhoramentos;
- LOURENÇO FILHO, M. B. Introdução ao estudo da Escola Nova. São Paulo: Melhoramentos;
- LOURENÇO FILHO, M. B. Tendências da educação brasileira. São Paulo: Melhoramentos;
- NAGLE, J. Educação e Sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU;
- RIBEIRO, M. L. S. História da educação brasileira: a organização escolar. São Paulo: Cortez e Moraes;
- ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil: 1930-1973. Petrópolis: Vozes;
- SAVIANI, D. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Saraiva;
- SAVIANI, D. Educação: do senso comum a consciência filosófica. São Paulo: Cortez e Autores Associados;
- WEREBE, J. Grandezas e misérias do ensino brasileiro. São Paulo: Dif. Europeia do Livro.

A partir da década de 1990, algumas mudanças no currículo quanto aos conteúdos abordados foram se delineando, fato confirmado na fala da professora Maria Luiza Abbud:

o que há no percurso histórico da disciplina é uma mudança significativa das temáticas e dos focos, então, aqui na UEL como no resto do país, a história da educação passa, de uma história da educação mais ligada a filosofia e aos grandes pensadores ou a ação do estado, para uma história da educação que busca contextualizar mais os diferentes momentos da organização escolar e os protagonistas da ação educativa e coisas desse tipo, no contexto das diferentes épocas.

Nesse sentido, os conteúdos ganham novos contornos a partir do momento em que a constituição da burguesia, e a constituição e sistematização do espaço escolar passam a ser abordados, no entanto, essas mudanças são mais visíveis a partir da década de 2000.

Na década de 1990 os conteúdos estão organizados da seguinte forma:

- História da Educação I: 1. As concepções de História e História da Educação (o que é História, o que é Educação, as diferentes concepções de História e a História da Educação na formação do educador), 2. Os fundamentos da Educação Clássica e Cristã (o mundo grego, o mundo romano e o cristianismo), 3. Os movimentos de articulação da ordem burguesa (Renascimento, Reforma e Contra Reforma), 4. O transplante da educação europeia para o Brasil (a educação jesuítica e a organização escolar dos jesuítas), 5. A origem da escola pública na Europa e seu reflexo no Brasil (a pedagogia burguesa, Comenius, Locke, Rousseau, Herbart, a Revolução Francesa e a Escola Pública e a educação brasileira após a expulsão dos jesuítas e no estado independente)
- História da Educação II: 1. A caracterização da educação brasileira atual e as contribuições da História para a compreensão dessa realidade, 2. A educação brasileira no começo do século (a ilusão liberal: a educação na visão republicana e o início da industrialização e urbanização: a entrada do ideário da Escola Nova), 3. O Nacionalismo e a Educação (a educação no contexto da revolução de 30 e a educação no Estado Novo), 4. A política educacional no período de 1946 a 1964 (o processo de redemocratização e a educação,

as discussões da Lei de Diretrizes e Bases e a defesa da Escola Pública e os movimentos de educação popular), 5. A educação e o governo militar de 1964 (a internalização da economia e a educação, o ensino superior e a tecno-burocracia e as reformas do ensino de 1º e 2º graus), 6. Perspectivas atuais da educação brasileira (a euforia dos anos 80 e os enfrentamentos dos anos 90).

Nota-se que em ambas as disciplinas a História da Educação Brasileira aparece mesclada à História da Educação Geral como um subitem no final das Unidades.

Alguns títulos elencados na bibliografia básica correspondente ao período anterior (décadas de 1960 a 1980) permaneceram, como por exemplo: Eby, F.; Jaeger, W.; Luzuriaga, L.; Ribeiro, M. L.; Romanelli, O. de O.; Rosa, M. de G. e Saviani, D. Nota-se que o ideário filosófico também permaneceu:

- LUCKESI, C.C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez;
- SAVIANI, D. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, D. T. (coord.). Filosofia da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira;
- SEVERINO, A. J. Filosofia. São Paulo: Cortez;

As mudanças ficam por conta da adoção de livros que problematizam a educação relacionando-a com o contexto social, influenciados pelo paradigma marxista, e pela Escola dos Annales, e a sistematização dos sistemas escolares:

- FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes;
- PONCE, A. Educação e luta de classes. São Paulo: Cortez/Autores Associados;
- REIS, C. dos. A Educação e a ilusão Liberal. São Paulo: Cortez/Autores Associados;
- RIBEIRO, M. A. História da educação Brasileira: a organização escolar. São Paulo: Moraes;
- SAVIANI, D. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

Em 2005 o Curso de Pedagogia da UEL passou por reformulações e, segundo a professora entrevistada Maria Luiza Abbud

a partir da reformulação que foi implantada em 2005 e que foi também um pouco concomitante a realização dessa pesquisa sobre a História da Educação é que a gente começou a definir algumas prioridades, por exemplo: a organização escolar é uma prioridade no Curso de Pedagogia, então isso é importante de ser trabalhado nos diferentes momentos da história.

Abaixo a lista dos conteúdos abordados nas disciplinas:

- História da Educação I: 1. História, História da Educação e da Pedagogia (o que é História, o que é História da Educação? - objeto e métodos e História da Educação na formação de professores e pedagogos), 2. A educação na Antiguidade (a tradição oriental, o mundo clássico greco-romano, o período helenístico e o cristianismo primitivo), 3. Educação Medieval (a igreja católica como espaço de preservação do saber clássico e a organização e sistematização dos espaços educativos), 4. Transição para a Modernidade: Renascimento, Reforma e Contra Reforma – séculos XV a XVIII (Escola Moderna: sistematização do espaço escolar e de sua organização – método, seriação, conteúdos), 5. Séculos XVIII e XIX (a ideia Iluminista de saber e a Escola: Ciência e técnica e o Estado Educador: os Sistemas Nacionais de Ensino), 6. Século XX: Educação, Democracia e o Estado de Bem-Estar.
- História da Formação de Professores: 1. Ser professor no Brasil hoje, 2. A constituição histórica do trabalho docente, 3. Formação de professores no Brasil, 4. O panorama atual da formação e atuação de professores, 5. A profissão docente, 6. Um debate sempre aberto: a formação de professores e a produção e disseminação de conhecimentos filosóficos e científicos.

Percebe-se a permanência daqueles conteúdos relacionados à Pedagogia Geral, no entanto, com uma nova abordagem: agora os mesmos

conteúdos são usados para contextualizar e problematizar o surgimento e a sistematização dos sistemas de ensino nos diferentes tempos e espaços históricos.

A bibliografia básica adotada neste período deixa transparecer esse avanço e mostra uma preocupação com as questões conceituais e metodológicas da disciplina História da Educação e uma aproximação desta com a História, fato já sinalizado anteriormente neste trabalho. Poucas obras sobre a História da Educação e da Pedagogia usados em outros períodos permaneceram, dando lugar a outras mais atuais:

- BLOCH, M. Apologia da história ou ofício do historiador. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar;
- HOBSBAWN, E. Sobre a História. Trad. Cid knipel Moreira. São Paulo: companhia das Letras;
- LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. Fontes, História e Historiografia da Educação;
- SAVIANI, D. ET AL (orgs). História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR.

Na reformulação curricular de 2007 a disciplina História da Educação tem sua carga horária reduzida, de 4 horas/aula para 2 horas/aula semanais, porém, ainda presente na 1ª, 2ª e 3ª séries. Assim estão organizadas as disciplinas:

- História da Educação I: 1. História da Educação (história e historiografia: objeto e métodos e História da Educação na formação dos professores e pedagogos), 2. Os antecedentes históricos da educação moderna (princípios e organização da educação clássica, a educação e a “escola” dos primórdios do Cristianismo ao final da idade Média e Renascimento: transformações econômico-produtivas, culturais e educacionais), 3. A escola moderna – dos séculos XV ao XVIII (a constituição dos colégios de “humanidades” e seu protagonismo e a escola popular elementar: educação profissional nas escolas urbanas e educação rudimentar nas pequenas escolas), 4. Educação e escola no Brasil – dos séculos XVI ao XVIII (Educação jesuítica:

a atividade missionária e a atividade nos Colégios – Educação Humanística e Século XVIII: a reforma educacional nos Estado Português – A Reforma Pombalina)

- História da Educação II: 1. A formação dos Estados Nacionais e suas implicações para a educação (laicização dos processos formativos e características da Escola – Pública, Obrigatória e Laica), 2. O processo revolucionário no contexto do surgimento da escola pública (a Revolução Francesa e os projetos e realizações da educação popular e Rousseau e a pedagogia contemporânea), 3. O século da pedagogia – século XIX (a organização das principais teorias pedagógicas e o Socialismo e Positivismo – conflitos da sociedade industrial), 4. A organização da escola no Brasil do século XIX (características da ilustração no Brasil e a escola do Império e o método monitorial/mútuo e intuitivo/lições de coisas)
- História da Educação III: 1. Século XX e educação escolar no Brasil, 2. A escola brasileira da Primeira República até a Revolução de 1930, 3. Da era Vargas ao Populismo, como se configura a educação escolar brasileira, 4. A escola brasileira no contexto da ditadura militar (1964 – 1985), 5. A redemocratização e a educação a partir dos anos 1980, 6. A Educação pensada para o século XXI no Brasil (níveis e modalidades de ensino, ideário pedagógico e projetos educacionais).

Neste contexto, percebe-se que a história da organização escolar foi assumida como objeto de estudo, uma vez que a escola, segundo a professora entrevistada Marta Fávaro, é o campo de trabalho do pedagogo e “ele tem que entender esse campo de trabalho para conseguir se fortalecer e constituir a sua identidade”. Percebe-se, também, que mesmo quando o conteúdo é História da Educação Geral, as obras escolhidas para compor a bibliografia básica tratam sobre a historiografia educacional brasileira. Estas são as obras encontradas nas disciplinas História da Educação I, II e III:

- HILSDORF, M. L. S. O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada. Belo Horizonte: Autêntica;
- HILSDORF, M. L. S. História da Educação Brasileira: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning;
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. Histórias e memórias da educação no Brasil. Volume I: Século XVI – XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes.

Desde a década de 1960, quando da implantação do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina, até a década de 2000 os conteúdos ministrados na disciplina História da Educação mudaram muito pouco. O marco foi a reformulação curricular de 2005, que não ocorreu por força de lei e sim por vontade dos professores do departamento de educação em revisar a estrutura do Curso de Pedagogia da UEL. Nesse sentido, a disciplina História da Educação também foi repensada, assumindo novos objetos. Até então, a História da Educação era a história das doutrinas pedagógicas ou do pensamento pedagógico (história da educação geral), ou, as transformações políticas e as legislações do ensino (história da educação brasileira). Após essa reformulação, o foco assumido foi o processo de constituição das instituições escolares.

Considerando o estudo dos planos de curso da disciplina História da Educação da UEL, a partir da análise dos objetivos, ementas, conteúdos programáticos e bibliografia básica, pode-se inferir que, apesar de se manterem certos temas consagrados pela historiografia da educação, temas mais modernos como a constituição e evolução do espaço escolar e o processo de profissionalização docente passaram a ser considerados objetos de estudo da disciplina. De fato, segundo Gatti Junior (2005, p. 81), a história das instituições escolares tem ganhado cada vez mais espaço nos planos de curso da disciplina, pois, cada vez mais, historiadores e educadores têm se dedicado a historiar a educação escolar brasileira “por meio da construção de interpretações acerca das principais instituições educativas espalhadas pelas diversas regiões brasileiras”.

As entrevistas com as professoras Maria Luiza Abbud e Marta Favaro revelam que tal mudança no objeto de estudo da disciplina também ocorreu em função das pesquisas realizadas pelas mesmas dentro do projeto de pesquisa História da História da Educação em Londrina de 1960 a 1990. Graças a este projeto, os planos de aula da disciplina História da Educação referente às décadas

de 1960 e 70 foram recuperados e digitalizados. Esta, aliás, é uma das dificuldades da pesquisa em História da Educação, segundo Buffa (1990, p. 15): a escassez de fontes e documentação, “sobretudo num país onde raros são os arquivos históricos e mais escasso ainda os que apresentam condições de utilização”.

O processo de mudança da disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da UEL pode não ter acompanhado, *pari passu*, o processo de mudança pelo qual a disciplina passou no Brasil e no mundo, no entanto, aconteceu de forma madura e consistente. De acordo com Chervel (1990, p. 198),

os processos de instauração e de funcionamento de uma disciplina se caracterizam por sua precaução, por sua lentidão, e por sua segurança. A estabilidade da disciplina assim constituída não é então, como se pensa seguidamente, um efeito da rotina, do imobilismo, dos pesos e das inércias inerentes à instituição. Resulta de um amplo ajuste que pôs em comum uma experiência pedagógica considerável [...].

Percebe-se um esforço por parte dos professores, a partir da análise dos programas da disciplina, ainda que recente, de renovação temática expressa através da escolha de novos objetos de estudo que não tinham sido tratados sistematicamente. A partir das entrevistas, percebe-se um esforço dos mesmos em adotar uma diversificação metodológica e consolidação de uma “comunidade científica” (NÓVOA, 1996) a partir da criação projetos de pesquisa e de um laboratório de História da Educação na UEL. Este conjunto de evoluções está marcado por um movimento atual de redefinição e construção de uma nova identidade disciplinar pelo qual a História da Educação vem experimentando, possibilitando uma ampliação do leque de possibilidades e escolhas, o que permite alargar o repertório dos professores (NÓVOA, 1996).

CAPÍTULO III

O ENSINO DE HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

“O que se espera de um pesquisador de História da Educação? Que conheça seu ofício. O que se espera de um professor de História da Educação? Que ensine a pensar historicamente” (NUNES, 2006, p. 175). A estas, acresce-se outra questão: como os saberes ensinados na disciplina de História da Educação podem contribuir para o desenvolvimento da habilidade de pensar historicamente?

Considerando o escopo desta pesquisa, entende-se por História da Educação a área do conhecimento que se ocupa do passado, cujo objetivo é recriar uma atmosfera de forma a preparar o sujeito para pensar considerando os deslocamentos temporais, espaciais e as diferenças entre a mentalidade de cada contexto histórico estabelecendo significações e relações entre passado, presente e futuro e não meramente uma perspectiva do que se foi. No entanto, viu-se anteriormente nesta pesquisa, que o atrelamento institucional da disciplina História da Educação aos cursos de formação de pedagogos configurou o seu estatuto epistemológico, e este contexto tem levado os historiadores da educação escreverem

seja uma história das doutrinas pedagógicas ou do pensamento pedagógico, seja uma história dos fatos educativos ou das instituições educacionais, mormente da legislação do ensino e dos métodos pedagógicos. Num caso como no outro, quase sempre uma História desvinculada da sociedade, isolada em seu domínio particular, considerada como um todo que tem coerência própria (BUFFA, 1990, p. 15).

Destarte, a História da Educação vem sendo objeto de debates e questionamentos (CARVALHO, 2005; FAVERO, 2005; MAGALHÃES, 2011; NUNES, 2003 e 2006; RODRIGUES, 2011) no qual se manifesta a preocupação em refletir sobre seu ensino e demonstrar a relevância e atualidade deste para a formação e vida prática do pedagogo. Nesse processo de mutação operado no campo da História da Educação, a disciplina vem abrindo-se para novas alternativas

de pesquisa e ensino e um efetivo movimento de aproximação e identificação com os processos cognitivos em voga no campo do ensino de História, posto que

[...] o debate historiográfico tem profundas implicações para a pesquisa educacional, uma vez que o significado da educação está intimamente entrelaçado ao significado da História. E no âmbito da investigação histórico-educativa essa implicação é duplamente reforçada: do ponto de vista do objeto, em razão da determinação histórica que se exerce sobre o fenômeno educativo; e do ponto de vista do enfoque, dado que pesquisar em história da educação é investigar o objeto educação sob a perspectiva histórica (SAVIANI, 2006, p. 12).

Sob esta perspectiva, “espera-se da história da educação a capacidade de problematizar o estabelecido, historicizando-o [...]” (FAVERO, 2005, p. 59); de forma que não se espera mais que o ensino da disciplina limite-se, apenas, em descrever, “mas também a interpretar e avaliar os fatos e movimentos educacionais, dentro dos movimentos sociais mais amplos, como parte de uma realidade concreta” (FAVERO, 2005, p. 59). Assim, pensar o ensino de História da Educação deve implicar mudanças tanto na forma de problematizar como na forma de efetivar a pesquisa e o ensino histórico-educacional, sendo desejável que questões como práticas de ensino, opções metodológicas e conceituais, seleções temáticas dos professores de História da Educação sejam agregadas às preocupações dos historiadores da educação dedicados a formar professores. Para dar conta dessa reconstrução, faz-se necessário, também, apoiar-se em autores capazes de colaborar na reflexão e construção de novas categorias de análise e conceitos, no sentido de ampliar o campo de conhecimento e reflexão dos professores e, conseqüentemente, dos alunos.

Ao assumir a importância de se trabalhar com o conhecimento histórico para a compreensão dos processos educacionais do passado e do presente, de forma a desenvolver nos sujeitos um estilo de interrogar para que aprendam a pensar historicamente, tem-se aqui um desafio. Como proposta à resolução desta questão, o objetivo deste capítulo é fomentar a discussão sobre os fundamentos da formação do pensamento histórico e suas contribuições para o ensino da disciplina História da Educação a partir da análise dos programas da disciplina, de entrevistas com professores da História da Educação e questionários respondidos por alunas do Curso de Pedagogia da UEL. Nesse sentido, os

contributos de Jörn Rüsen sobre a forma de aprender e ensinar História fornecerão um suporte teórico valioso para analisar o ensino de História da Educação e sua contribuição no processo de formação do pedagogo.

Assim como a configuração atual da disciplina História da Educação é produto das ações dos que nos antecederam, temos agora a prerrogativa de problematizar o estabelecido revisitando velhos problemas a partir de novas abordagens (SAVIANI, 2008), no sentido de contribuir para o alargamento do campo de estudos referente à História da Educação no Brasil, e, em especial, no que concerne à construção do conhecimento a respeito da formação do pedagogo, e a interlocução com outras áreas de conhecimento.

3.1 A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SEGUNDO JÖRN RÜSEN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Jörn Rüsen é historiador e filósofo alemão. Estudou História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia, onde também se doutorou em 1966. Foi professor emérito da Universidade de Bielefeld, onde sucedeu na cátedra a Reinhardt Kosellec. Nesta Universidade, Rüsen foi o diretor do Centro de Pesquisas Interdisciplinares e presidente do Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas. Em 1997, Rüsen transferiu-se para a Universidade de Witten, à qual se encontra vinculado até o presente. Suas reflexões articulam fundamentos da consciência histórica, do pensamento histórico, da cultura histórica e da ciência histórica. Rüsen é conhecido pela sua trilogia de Teoria da História: I – Razão Histórica (2001), II – Reconstrução do Passado (2007) e III: História Viva (2007) (MARTINS, 2010).

Para Rüsen (2009, p. 164), é a memória que “torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente”. Acredita que a história “é uma forma elaborada de memória” que “vai além dos limites de uma vida individual; [...] trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação da mudança temporal” (RÜSEN, 2009, p. 164). Segundo Rüsen (2001, p. 30), é a partir desses interesses que os homens têm de orientar-se no tempo que se é possível constituir a ciência da História, isto é, “torna-la inteligível

como resposta a uma questão, como solução de um problema, como satisfação (intelectual) de uma carência (de orientação)". Em sua teoria da história, Rüsen toma tais interesses como ponto de partida para explicar, a partir deles, o que significa pensar historicamente e porque se pensa historicamente.

Em suma, pode-se dizer que o pensamento histórico manifesta-se a partir da memória, uma vez que a rememoração do passado é condição essencial para os homens suprirem suas carências de orientação no fluxo do tempo. No entanto, essa rememoração do passado por si só não forma o conhecimento histórico, este só se efetiva a partir de uma experiência concreta com o passado, à medida que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente seriam possíveis a partir dessa rememoração do passado.

Para Rüsen (2001, p. 29) uma teoria da história "tem de apreender, pois, os fatores determinantes do conhecimento histórico que delimitam o campo inteiro da pesquisa histórica e da historiografia, identificá-los um a um e demonstrar sua interdependência sistemática" e seu objeto "são os fundamentos e os princípios da ciência da história". A esta rede formada por fatores determinantes da ciência histórica, Rüsen (2001) denominou matriz disciplinar da ciência histórica. São cinco os fatores fundamentais do conhecimento histórico-científico: carências de orientação; ideias, que constituem as perspectivas gerais nas quais o passado aparece como história; métodos de pesquisa empírica; formas de apresentação e funções de orientação.

Tais fatores são interdependentes: as carências humanas de orientação do agir e do sofrer os efeitos das ações no tempo são transformadas em interesses em conhecer o passado historicamente na medida em que são interpretadas como necessidade de reflexão sobre o passado; para tanto, são necessários métodos de pesquisa empírica que lhes proporcionem produzir fundamentações específicas sobre o passado para que este se transforme em conhecimento histórico empírico. Esse conhecimento histórico obtido com a pesquisa se expressa na historiografia, que é uma forma de apresentação do conhecimento histórico produzido pela pesquisa histórica. É este conhecimento histórico que vai assumir a função de orientação do agir e do sofrer humano no tempo (RÜSEN, 2001).

Rüsen (2001, p.37) adverte que este processo é dinâmico, uma vez que

novos interesses podem superar funções vigentes, de forma que o pensamento histórico, sob pena de tornar-se anacrônico, tem de modificar suas perspectivas orientadoras com respeito ao passado. Ele tem de ajustar-se a critérios de sentido novos, que levam a novas representações do que há de especificamente histórico na experiência do passado.

Rüsen (2001, p. 57) salienta que a partir desse processo acima descrito se obtém a consciência histórica, entendida como “[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Para Rüsen (2001, p. 59)

pode-se descrever a operação mental com que a consciência histórica se constitui também como *constituição do sentido da experiência do tempo*. Trata-se de um processo da consciência em que as experiências do tempo são interpretadas com relação às intenções do agir e, enquanto interpretadas, inserem-se na determinação do sentido do mundo e na auto-interpretação do homem, parâmetros de sua orientação no agir e no sofrer (grifo do autor).

Assim concebida, a consciência histórica não pode ser considerada como um simples conhecimento do passado, uma vez que oferece estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o presente e tecer conjecturas sobre o futuro. Sob este propósito, a história é concebida como produto cognitivo obtido através do trabalho interpretativo da consciência histórica, e por isso tem de ser entendida como “um conjunto, ordenado temporalmente, de ações humanas”, como um passado sobre o qual os homens “têm de voltar o olhar, a fim de poderem ir à frente em seu agir, de poderem conquistar seu futuro” (RÜSEN, 2001, p. 74).

O argumento de Rüsen (2001) é de que a consciência histórica tem que ser considerada como um fenômeno do mundo vital, pois é uma forma da consciência humana que está ligada a vida prática. O autor parte do pressuposto de que o homem só pode viver e entender o mundo em que vive se construir interpretações diante das mudanças de si mesmo e do seu mundo em função das intenções do seu agir.

Rüsen (2001) ainda observa que só se pode falar em consciência histórica quando se mobiliza a lembrança de determinada maneira: através do processo de tornar presente o passado a partir do movimento da narrativa

(histórica). De acordo com Rüsen (2010, p. 80), “a consciência histórica vem à tona ao contar narrativas, ou seja, histórias, que são uma forma coerente de comunicação, pois se referem à identidade histórica de ambos: comunicador e receptor”, uma vez que, com a ajuda da narrativa, “as pessoas envolvidas localizam-se no tempo de um modo aceitável para si mesmas”. Nessa direção, pode-se dizer que a consciência histórica está assentada na necessidade de constituição humana de sentido sobre a experiência do tempo mediante a narrativa histórica, afinal, “os homens tem de interpretar as mudanças temporais em que estão enredados a fim de constituírem seguros de si e de não terem de recear perder-se nelas [...]” (RÜSEN, 2001, p. 66).

No entanto, Rüsen (2001, p. 154) salienta que nem toda narrativa é histórica. Histórico significa para o autor “que o passado é interpretado, com relação à experiência, no constructo próprio a uma ‘história’ e que essa interpretação passa a ter uma função na cultura contemporânea”. Assim, para que uma narrativa seja histórica é necessário “que sua constituição de sentido se vincule à experiência do tempo de maneira que o passado possa tornar-se presente” (RÜSEN, 2001, p. 155) de forma a orientar a vida prática e suprir as carências de orientação. Somente a partir desse movimento de tornar o passado presente, a partir da narrativa, é que o passado adquire o estatuto de história.

Nesse sentido, a narrativa histórica é um meio de construção da identidade humana, uma vez que, pela evocação do passado no presente, por meio da memória, funde-se a experiência do passado e as expectativas do futuro num todo coerente do progresso temporal. Nesse processo, o homem molda o seu mundo e a si mesmo “com continuidade e consistência, com uma coerência interior, com uma garantia contra a perda de seu núcleo essencial ou com imagens semelhantes de duração nas mudanças de objetos” (RÜSEN, 2009, p. 174).

Conclui-se, a partir das considerações acima, que as operações da consciência histórica se constituem quando se pensa historicamente e se sintetizam mediante o narrar historicamente, no sentido de suprir as carências humanas de orientação interpretadas com relação às intenções do agir e sofrer as ações do tempo. Considerada a partir deste plano, segundo Rüsen (2001, p. 56), “a consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária”.

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica, é o processo a partir do qual a história (os fatos objetivos, coisas que aconteceram no tempo) adquirida torna-se assunto do conhecimento consciente e desempenha um papel na construção mental do sujeito, ou seja,

quando traz à tona um aumento na experiência do passado humano, tanto como um aumento da competência histórica que dá significado a esta experiência, e na capacidade de aplicar estes significados históricos aos quadros de orientação da vida prática (RÜSEN, 2010, p. 84).

Segundo Rüsen (2010), o aprendizado histórico se dá através de três operações: a experiência, a interpretação e a orientação. Na experiência, as operações narrativas da consciência histórica se tornam aprendizado quando aumentam o conhecimento sobre o passado, na medida em que estes abrem o potencial futuro do presente e são incorporados nos quadros de orientação da vida prática. Uma vez produzido esse aumento da experiência e do conhecimento, opera-se um aumento no modelo ou padrão interpretativo. Esses modelos ou padrões interpretativos abrangem diferentes tipos de conhecimento e experiências do passado humano num todo, formando o que Rüsen chama de imagem da história e são eles que estabelecem significados e diferenciações sobre o que é importante. O aprendizado histórico também propicia um aumento na competência de orientação, que se preocupa com a função prática da experiência histórica significativa organizada num modelo ou padrão interpretativo voltado para a organização da vida prática no fluxo do tempo, os quais transformam as pessoas e, conseqüentemente, seu mundo. Rüsen (2010, p. 89) salienta que estas três dimensões da aprendizagem histórica se relacionam entre si e se sobrepõem continuamente, uma vez que não existe “uma experiência histórica sem significado, ou uma orientação histórica sem experiência”, como, também, todos os modelos de interpretação estão ao mesmo tempo interessados pela experiência e pela orientação”.

As formas como se aprende história e seus usos para a vida prática humana são as questões básicas da didática da história, uma vez que, segundo Rüsen (2007, p. 93), “tanto a história como ciência quanto o aprendizado histórico estão fundados nas operações e nos processos existenciais da consciência histórica: a teoria da história e a didática convergem, assim, nesse tema”. O termo

didática, para Rüsen (2007, p. 87), “indica que a função prática do conhecimento histórico produz efeitos nos processos de aprendizagem”. Entretanto, diferenciam-se nas maneiras como são elaboradas: “a teoria da história pergunta pelas chances racionais do conhecimento histórico e a didática pelas chances de aprendizado da consciência histórica” (RÜSEN, 2007, p. 93). Considerando que “[...] os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel” (RÜSEN, 2007, p. 91), cabe à didática da história pensar as formas pelas quais o ensino e a aprendizagem da História se voltem para desenvolvimento da consciência histórica, no sentido de se adquirir competências para experimentar o tempo passado, interpretá-lo na forma histórica e utilizá-lo como orientação para a vida prática.

Convém lembrar, com Rüsen (2010, p. 40), que a maneira como a história é ensinada na sala de aula, em qualquer nível da escolarização, afeta seu aprendizado e este vai determinar “a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável”.

3.2 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DOS PROFESSORES

A trajetória polêmica do Curso de Pedagogia, exposta no primeiro capítulo, demonstra “uma sucessão de ambiguidades e indefinições, com repercussões no desenvolvimento teórico do seu campo de conhecimento e na formação intelectual e profissional do pedagogo” (LIBÂNEO, 2001, p. 35). Desde a sua instituição, em 1939, o Curso de Pedagogia já apresentava problemas que o acompanharam ao longo do tempo.

O primeiro impasse decorreu das concepções de bacharelado e licenciatura e seus desdobramentos nos currículos. Em sua criação, o Curso de Pedagogia foi definido como um curso de bacharelado, cujos estudos concentravam-se nos conteúdos específicos de cada área de saber. O bacharel em Pedagogia se formava técnico em educação. O diploma de licenciado seria obtido por meio do curso de didática, com a duração de um ano, acrescentado ao curso de

bacharelado, com duração de três anos. O licenciado em Pedagogia se formava professor.

Segundo Silva (2003, p. 12), “criou-se um bacharel em Pedagogia sem apresentar elementos que pudessem auxiliar na caracterização desse novo profissional”, uma vez que “não dispunha de um campo profissional que o demandasse” (SILVA, 2003, p. 13). Para o licenciado em Pedagogia, a situação também não era das melhores, pois não tinha o curso normal como campo exclusivo de trabalho, visto que, para lecionar nesse curso, era suficiente o diploma de ensino superior.

Diante desta indefinição do campo de trabalho, e por ocasião da Reforma Universitária, foi ganhando corpo a ideia de reformulação do Curso de Pedagogia. Assim, ensejou-se o parecer 252/69 de autoria de Valnir Chagas. Este parecer fixa os mínimos do currículo e duração para o Curso de Pedagogia, visando formar professores para o curso normal e especialistas para as áreas de orientação, supervisão, administração e inspeção em sistemas escolares. Neste momento encerra-se a dualidade bacharelado X licenciatura no Curso de Pedagogia, uma vez que este parecer supunha um só diploma, o de licenciado.

Porém, o aspecto mais importante e também polêmico do referido parecer, é a introdução das habilitações no Curso de Pedagogia. Com a introdução destas habilitações, Valnir Chagas pretendeu melhor definir que tipo de profissional este curso visava formar, procurando atender às exigências do mercado de trabalho, que, naquele momento, exigia a preparação de técnicos, entre estes os da educação, visando atender ao apelo do modelo desenvolvimentista.

Após anos de discussão, em 2006 foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (DCNs Pedagogia), que apontaram para novos debates no campo da formação de profissionais da educação. Até este momento, foi o parecer 252/69 que regulamentou a organização e funcionamento dos Cursos de Pedagogia. Tais Diretrizes aplicam-se a formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio na modalidade Normal e em cursos de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Sendo assim, a formação definida pelas DCNs Pedagogia abrange integralmente a docência e a

participação na gestão, avaliação, elaboração, execução e acompanhamento de atividades pedagógicas e educativas.

A partir dessas Diretrizes, o Curso de Pedagogia definiu-se como um curso de licenciatura e a docência constitui um de seus pilares, entendida em sentido mais amplo, articulada a ideia de trabalho pedagógico. A gestão pedagógica, aqui colocada, vem para romper a fragmentação da organização escolar e dos sistemas de ensino. A pesquisa dará suporte à reflexão sobre a pedagogia como ciência e favorecerá a compreensão da complexidade da escola e sua organização.

Das ambiguidades e indefinições referentes ao Curso de Pedagogia, resultaram as várias identidades atribuídas ao referido curso e aos que nele se formam. Essas várias identidades refletem conflitos relativos à problemática epistemológica da Pedagogia e do Curso de Pedagogia. Com efeito, essas questões provocam certa atenção à disciplina História da Educação na medida em que a identidade da disciplina está intimamente ligada a este curso e a formação do pedagogo.

Outra questão que se coloca é que são hoje solicitadas novas exigências de conhecimentos aos pedagogos. As finalidades do ensino e da sua formação estariam voltadas a um modelo de sociedade desenvolvimentista e utilitarista onde os conhecimentos mais importantes “seriam aqueles ligados à produtividade do trabalho técnico, contradizendo [...] a formação para o discernimento das condições existenciais e humanas mais fundamentais, demonstrando o desprestígio da formação teórica e dos fundamentos educacionais” (RODRIGUES, 2011, p. 156). À luz dessas considerações, insere-se o problema da disciplina História da Educação responsável pelos estudos históricos, e da forma como estes vêm sendo absorvidos pelos alunos, esta tenderia a sofrer um desprestígio. De fato, no capítulo anterior, constatou-se que na reformulação curricular de 2007 do Curso de Pedagogia da UEL, uma variação da disciplina História da Educação denominada História da Formação de Professores foi suprimida.

Em face do quadro delineado acima, perguntou-se aos professores entrevistados como eles viam a presença da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia e suas contribuições para a formação do pedagogo. Na opinião da professora Maria Luiza Abbud,

dentro dessa perspectiva, não se espera nada da História da Educação, porque eu acho que nem cabe História da Educação. (...) Por que qual é a grande contribuição da História da Educação? A grande contribuição da História da Educação é fazer com que as pessoas percebam que elas são históricas, resultado de um passado que você não conhece na totalidade, mas que você tem alguns indícios pra poder se basear pra dizer se foi assim ou assado. Essa é a grande contribuição! Em decorrência desta tem a autoconsciência. As pessoas se situam nesse processo, aí, nessas perspectivas modernas em curso não existe espaço nem para o autoconhecimento, nem para a percepção de que você é histórico porque interessa só aqui e agora, o resto é descartável, Então, não tem espaço pra história nenhuma nessa história, neste momento. Então, qual é o nosso desafio agora? A gente vai trabalhando numa perspectiva, que é uma perspectiva... olha, eu não sei se ela é de resistência ou se a gente vai conseguir chegar a ser propositiva, e pra mim tem uma diferença muito grande, porque, de resistência barra, você tenta segurar a desqualificação, o descrédito ou a falta de importância, você tenta guardar suas muralhas. Quando você consegue se tornar propositivo, você vai conseguir lidar com essa situação e oferecer alternativas. A gente consegue seduzir os alunos quando eles entendem o que é história da educação; com alguns a gente consegue mostrar que tem algum sentido estudar História da Educação e conhecer o seu sentido.

De acordo com a professora entrevistada Marta Fávaro, “com essa exigência de tantas informações e de tantos conteúdos, e aí o surgimento de tantas disciplinas para dar conta desses conteúdos tantos que o pedagogo tem que desenvolver”, a disciplina História da Educação, na percepção de alguns, tem sua utilidade comprometida. No entanto, na opinião da professora, o próprio conceito de utilidade é questionável:

o que é útil? Aquilo que vai me dar uma receita para uma atuação efetiva na prática? Por exemplo: eu vou aprender a dobrar direitinho um determinado papel? Isso é uma interpretação que às vezes está vinculada a compreensão de formação e o formato (do curso). A História da Educação que você pensava na formação mais ampla para conseguir entender um pouco mais elaboradamente a sua condição como profissional, como pessoa; os conhecimentos da História, da Filosofia, da Psicologia, eles são fundamentais pra essa compreensão maior, eles não tem uma função de utilidade específica, um conteúdo que se aplica a uma determinada experiência, mas são conteúdos que compõem a sua referência cultural e que vai permitir que sejam mobilizadas informações pra você interpretar um contexto.

Em relação ao sentido de utilidade conferido à disciplina História da Educação dentro dos Cursos de Pedagogia, a professora Maria Luiza Abbud comenta que

o curso, ou os professores que compõem esse curso, eles têm mesmo uma mentalidade um pouco mais praticista e tem dificuldade de entender o papel da história e entender até o que é história. Então, não reconhece que ele um sujeito constituído historicamente, que a escola é constituída historicamente, que as nossas práticas todas são resultado da nossa história. Então é assim, a falta desse conhecimento faz com que as pessoas achem que a gente não tá colaborando em nada para a formação (do pedagogo).

A mesma dificuldade foi também relatada pela professora Zenite Ribas em sua entrevista:

isso sim, esse é um problema que sempre eu tive, até no curso de especialização, CEMES, quando eu dava a primeira aula e perguntava o que eles esperavam, ouvia como resposta que eles esperavam que eu ensinasse metodologia: antigamente era desse jeito, agora ficou assim, diferentes métodos. História da Educação, para a cabeça deles, era uma história de métodos, acho que essa confusão existe até hoje, porque eu lembro muito bem que isso era muito forte, todo ano eu ouvia a mesma resposta. Ai quando eu dizia que não era isso não, era perceptível o desanimado dos alunos.

Para a professora Marta Fávoro, as dificuldades ultrapassam o entendimento dos alunos em relação à utilidade da disciplina, a questão do tempo e do espaço, os deslocamentos temporais e por consequência, as sínteses que se tem que fazer para se compreender as ações educativas na sua evolução temporal e multidimensionalidade, também são componentes que suscitam dificuldades, pois

quando a gente fala os tempos presente-passado-futuro, é muito difícil para os alunos entenderem qual é a função da história. Nós estudamos o passado, a História estuda o passado, mas isso tudo enquanto tal, a partir dos resquícios das fontes que nos temos, nos temos que entender aquilo que aconteceu, isso me permite fazer uma avaliação das permanências, pra gente perceber algumas permanências ou algumas rupturas; mas aquilo tem q me permitir fazer esse transito e nos não estamos habituados a fazer isso, nossos alunos não estão habituados. Nós começamos a tentar fazer isso um pouco, só que não é muito presente.

A esta problemática acresce-se o fato de que os professores da disciplina também não estão acostumados a fazer estas relações temporais presente-passado-futuro, como se pode constatar no depoimento da professora Marta Fávaro: “Nos (professores) também estamos habituados a fazer a história de um determinado jeito... fazer a história em que sentido: organizar a disciplina de um determinado jeito; então pra gente também a mudança não é fácil”. De acordo com a professora Maria Luiza Abbud, há uma tradição no ensino da disciplina História da Educação que, de certa forma, impele os professores a ensinar a disciplina de determinada maneira:

a gente carrega uma tradição que, tanto por herança tradicional quanto pela herança da pedagogia histórico crítica, é conteudista, então é muito difícil a gente se desamarrar dessa herança, parece que o saber alguns conhecimentos, ter uma cabeça organizada em termos de algumas informações, parece essencial.

De fato, como explica Magalhães (2011, p. 197),

a construção do tempo/espaço educacional é um desafio permanente para a História da Educação e, se a relação educativa é uma interação (sic) designadamente entre o docente/investigador e os alunos, fazer e ensinar História da Educação são funções instituintes de um mesmo desafio.

Pensando nas formas de superação dessa tradição conteudista da disciplina História da Educação, a professora Maria Luiza Abbud propõe:

o que eu acho que talvez a gente precisasse fazer, mas ele é um exercício bem difícil, é assim: esquece tudo quanto é pesquisa, esquece tudo quanto é livro, esquece tudo quanto é manual, esquece tudo quanto é tudo. O que o meu aluno, que vai ser pedagogo precisa saber de história da educação? A gente vai ter que descobrir o que é importante ensinar, e, entendido o que é importante, [...], e aí definido o que é essencial pra esse pedagogo-professor saber, o próximo passo é discutir como trabalhar com isso.

Carvalho (2005) aponta que a dicotomia entre a pesquisa e o ensino no campo da História da Educação marca, ainda hoje, a prática dos professores. Apesar do importante desenvolvimento das pesquisas em História da Educação ocorrido nos últimos 10 anos, essas pesquisas não estão sendo incorporadas ao ensino da disciplina nos Cursos de Pedagogia (SAVIANI, 2005). A

preocupação em superar tal dicotomia, levou as professoras Maria Luiza Abbud e Marta Fávaro proporem o desenvolvimento de um projeto de pesquisa acerca do ensino de História da Educação. A proposição do projeto é a criação de um espaço de reflexão e sistematização sobre o papel da História da Educação na formação do pedagogo. Em recente artigo, a professora Marta Fávaro (2010, p 9) comenta que as dificuldades que cercam o ensino da disciplina História da Educação são resultado da frágil compreensão dos alunos acerca dos objetivos do Curso de Pedagogia e na forma como os professores têm encaminhado o ensino da disciplina:

os alunos expressaram nas conversas que tivemos em sala a dificuldade em compreender os conteúdos de História da Educação. As vezes a frágil compreensão do objetivo do curso dificulta a significação dos conteúdos da disciplina. As vezes a fragilidade está, na forma como propomos e conduzimos o trabalho com os conteúdos e, na percepção ainda não suficientemente elaborada por nós da mobilização que os alunos estão fazendo, ou não, para a apreensão daqueles conteúdos.

No intuito de se contatar as dificuldades acerca da utilidade e importância da disciplina História da Educação para a formação e construção da identidade do pedagogo apontadas pelas professoras entrevistadas, aplicou-se um questionário com um grupo de alunas das diferentes séries do Curso de Pedagogia.

3.3 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS VOZES DOS ALUNOS

Com o propósito de conhecer melhor o perfil dos pesquisados, a primeira questão respondida pelas alunas foi: **Por que optou pelo Curso de Pedagogia?** Constataram-se, nas respostas, algumas ideias comuns a todas: afinidade com crianças, continuação dos estudos pedagógicos após o Curso Magistério, progressão na carreira como professora, por se identificar com a profissão, para fazer a diferença na vida das pessoas e por ser um curso fácil de passar no vestibular.

O desprestígio social da carreira docente e os baixos salários têm levado cada vez menos jovens a optar pelos Cursos de Pedagogia. Os altos índices de evasão escolar e os baixos escores resultados das avaliações sobre o

rendimento escolar dos alunos têm acarretado um problema de falta de credibilidade da profissão docente. Os professores têm perdido prestígio e a profissão está cada vez mais fragilizada. Ainda hoje, o caráter salvacionista, messiânico, atribuído à educação, ainda está presente no ideário de quem opta pelo Curso de Pedagogia. Percebe-se, também, na fala de algumas alunas uma visão da profissão docente como um sacerdócio, ou seja, uma missão de vida a cumprir, qual seja: fazer a diferença na vida das crianças para as quais vão lecionar.

Em seguida, perguntou-se às alunas: **Por que estudar História da Educação no Curso de Pedagogia?** De modo geral, as alunas responderam que a disciplina serve para compreender como se deu a constituição do processo educativo no decorrer do tempo. Ao responder a questão acima, a maioria das alunas demonstrou uma frágil compreensão acerca das finalidades do ensino da disciplina no Curso, assim como apontaram as professoras em suas entrevistas. Tal pensamento reforça a ideia de que a História da Educação, desde a sua constituição até hoje, vem servindo para ilustrar os futuros pedagogos com um repertório de acontecimentos que configuraram o processo educativo e a formação dos sistemas escolares, ou então, sobre as origens e ou os fundamentos das práticas pedagógicas do presente. Não há relação entre as dimensões temporais passado-presente-futuro, uma vez que os conteúdos são tomados como ilustrativos, somente para explicar “o como” ou “o porquê”, ou, nas palavras de Carvalho (2005, p. 38), como um “discurso sobre o passado (que é só discurso, ou seja, particular, datado)”, pois, “se dá no seu efeito de sentido, como relato de verdade que constitui um passado para validar um presente”.

Das treze alunas que responderam os questionários, apenas três alunas apresentaram um entendimento um pouco diferente acerca da utilidade da disciplina:

Aluna 1: Acredito que é preciso esse estudo histórico da educação para podermos entender como se deu o processo de formação desta área, para que assim, possamos compreender a realidade atual. Sabendo das rupturas e continuidades sofridas no contexto histórico é possível pensarmos em soluções (possíveis) para alguns dos vários conflitos enfrentados hoje pela educação como um todo

Aluna 2: A disciplina de História da Educação, dentro do Curso de Pedagogia, possibilita uma visão ampla da Educação no Brasil e em outros países e culturas, além disso ao estudarmos história temos a

possibilidade de compreender as relações estabelecidas atualmente. É por meio do estudo de tal disciplina que temos a possibilidade de compreender o papel da escola, com que finalidade surgiu, seus avanços e retrocessos, além de verificar os reflexos deixados no passado que não se transformaram no presente, e a partir disto, poder atuar de maneira significativa buscando uma escola de qualidade.

Aluna 3: Porque é uma disciplina que nos situa enquanto indivíduos que “fazem” a história. Não há como intervir, por exemplo, positivamente em um contexto sem conhecê-lo. E a história é este movimento, esta dinâmica do homem enquanto sujeito que luta, descobre, muda, em prol de sua existência e para construir conhecimento. Também para entendermos melhor os avanços e retrocessos desse homem e do homem que formamos enquanto educadores.

As respostas apresentadas acerca da utilidade da disciplina demonstram uma elaboração mais complexa do sentido dado historicamente aos fatos ocorridos no passado. Nota-se que estas alunas se valem da rememoração do passado não meramente como uma perspectiva do que se foi, mas para orientação de sua prática no presente e projeção para o futuro, enquanto pedagogas exercendo seu fazer social.

Como desdobramento da questão sobre o porquê estudar História da Educação, foi perguntado às alunas: **Em que medida, e de que forma a disciplina História da Educação contribui para a formação do pedagogo e seu fazer social?** As respostas foram as mais variadas, deixando implícita a utilidade prática da disciplina apontada nas respostas anteriores, isto é, do entendimento da disciplina como lições para o presente. Dentre as respostas, podemos destacar:

Aluna 5: Não se pode atuar numa escola sem conhecer sua origem. Nesse sentido é importante o desenvolvimento da disciplina e seus pressupostos para o Curso de Pedagogia.

Aluna 11: Na medida de propiciar um melhor entendimento sobre a esfera educacional atual e também de como era no passado. Suas transformações e permanências.

No entanto, apenas duas das alunas que, nas respostas à pergunta anterior apresentaram algum traço de um pensamento histórico mais complexo,

extrapolando o sentido prático da disciplina, fizeram as mesmas relações ao responder esta pergunta:

Aluna 1: Acredito que da mesma maneira que para ensinar determinado aluno é preciso conhecê-lo, analisa-lo, saber o que ele já sabe, conhecer o seu contexto social, político, cultural, a História da Educação é esse “conhecer” a própria história que essa área de conhecimento percorreu. Desta maneira, contribuirá para a formação do pedagogo e para o seu fazer social de forma relevante, pois esse profissional tem condições de refletir mais sobre os porquês da vida profissional, das dificuldades que enfrentamos, para responder as lacunas que encontramos no dia a dia em sala de aula (ambiente escolar).

Aluna 3: Na medida em que esclarece os porquês das ações governamentais, do que está por trás das intenções na elaboração das leis, do entendimento que proporciona em relação ao posicionamento crítico desse educador que descobre que seu papel vai muito mais além do de transmitir informações e conhecimentos, mas que tem em suas mãos o poder de intervir na consciência, no comportamento a ser desenvolvido no futuro daquelas crianças que estão a sua disposição em um tempo muito extenso do seu dia, semana, mês, ano!

Nas respostas das alunas, os conteúdos da disciplina cumprem funções de informação, mas também de formação e estabelecem um diálogo crítico entre presente e passado; também servem de base para as alunas refletirem acerca de suas ações educativas no seu fazer pedagógico na escola.

As perguntas seguintes solicitam às alunas que **façam uma avaliação da disciplina quanto aos seus conteúdos** e que **estabeleçam uma relação da disciplina História da Educação com as outras disciplinas do Curso de Pedagogia**.

De forma geral, as alunas avaliaram os conteúdos da disciplina como “bons” e “pertinentes”, pois “trata da educação desde os tempos remotos até o que se denomina hoje”. As críticas estão relacionadas ao método, à forma como a disciplina é ensinada: muito teórica e com textos difíceis; uma aluna chegou a responder que, até a 2ª série, os conteúdos são “confusos, repetitivos e desestimuladores”. Outra aluna comentou que a disciplina deveria “ser ministrada de uma forma mais diretiva”, pois acredita que “estes conteúdos devem dar oportunidade para disciplinas que mais tenham direcionamento da atuação do pedagogo”. A avaliação que as alunas fazem sobre a pertinência e utilidade dos

conteúdos de História da Educação revelam, segundo Nunes (2003, p. 136), “a existência de um sentimento difuso de que essa disciplina está muito distante do que os educadores estão fazendo e experimentando no presente” e que disciplinas como aquelas relacionadas ao planejamento educacional ou políticas públicas supririam essas necessidades.

Apenas uma aluna, a Aluna 3, estabeleceu maior significação aos conteúdos ministrados na disciplina, ampliando sua análise a aplicabilidade da disciplina aos campos educacional, social, político e cultural:

Acredito que os conteúdos são bons, pois mostram toda a trajetória da educação, bem como as influências políticas, sociais e econômicas sofridas para que se conquistasse seu espaço enquanto direito que os indivíduos têm de se apropriarem da cultura e por consequência exercerem sua cidadania. As discussões, na minha opinião, em torno das questões políticas por exemplo, são importantes para formar o Pedagogo que saiba desenvolver em seus educandos ações concretas que promovam a autonomia dos sujeitos.

Convém destacar que a Aluna 3 possui graduação em Sociologia, está cursando a 2ª série do Curso de Pedagogia e é professora do Ensino Fundamental. Nesse sentido, pode-se inferir que a sua formação mais ampla e experiência permitem formular sínteses mais elaboradas.

Nas respostas, a pergunta sobre as possíveis relações que a disciplina História da Educação faz com as outras disciplinas, com exceção de três alunas (destas, duas alunas estavam cursando a 1ª série e uma aluna a 2ª série) que responderam que a disciplina História da Educação não estabelece qualquer relação com as outras disciplinas, todas apontaram que a disciplina faz relação com outras disciplinas como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e a Gestão e Políticas Educacionais. Na opinião dessas alunas, a História da Educação serve às outras disciplinas como, nas palavras de Carvalho (2005), “espécie de vestibulo introdutório”, fornecendo-lhes o contexto ou a origem de determinados estudos. Nesse sentido, a construção do raciocínio histórico propriamente dito é suprimida por uma perspectiva histórica dos fatos.

As questões seguintes foram elaboradas com o intuito de constatar se a disciplina História da Educação tem propiciado aos alunos o desenvolvimento da consciência histórica. Para tanto, foram elaboradas três questões:

- Em sua opinião, a disciplina História da Educação faz relações com as políticas educacionais e/ou problemas educacionais atuais?
- Que relação você faz entre o passado estudado na disciplina História da Educação e o presente e o futuro educacional brasileiro?
- Elabore em dez linhas uma síntese sobre a história da educação escolar no Brasil.

Na opinião das alunas, a disciplina História da Educação faz relações com as políticas e os problemas educacionais atuais na medida em que fornece um corpo de informações e o desenrolar de acontecimentos que mostram como foram geradas as políticas e os problemas educacionais atuais através do fluxo do tempo. Não há qualquer tipo de problematização, somente constatação do que já passou. Duas alunas sequer conseguiram estabelecer qualquer relação.

A mesma linha de raciocínio é usada para responder à pergunta seguinte, isto é, as alunas entendem que o presente é resultado de construções do passado, no entanto, raramente fazem alguma relação com o futuro e quando o fazem, é no sentido exemplar, como um passado a ser seguido ou a ser evitado. O conhecimento acerca do passado educacional não é tomado pelas alunas como possíveis dados para resolver os problemas apresentados no presente e muito menos oferecem aportes para se antecipar o futuro. Outra questão a ser considerada é que as análises ficaram atreladas a dimensão política/econômica, e aí sim, no sentido de criticar a situação do sistema educacional atual.

Entretanto, merece destaque algumas respostas cujos conhecimentos do passado, adquiridos na disciplina, servem como elemento importante para compreender o presente e construir expectativas em relação ao futuro:

Aluna 2: Infelizmente é bastante triste fazer esta relação, pois verifica-se um atraso muito marcante em relação a educação brasileira, quando comparada a outros países. Porém é, ao mesmo tempo, interessante de perceber a evolução apresentada, principalmente pós-ditadura. Acredita-se que muito ainda deve ser feito, tomando como ponto de reflexão os acertos e erros do passado, que ainda estão presentes na sociedade atual.

Aluna 12: Uma grande relação, pois conhecendo nosso passado podemos entender o por que do presente, ou seja, como a educação chegou a tal ponto e assim poder pensar e procurar construir o futuro da melhor forma possível.

Verifica-se que as alunas compreendem a situação educacional brasileira atual como fruto das relações humanas constituídas no passado, cujas histórias elas tomaram conhecimento a partir da disciplina. No entanto, o que chama atenção, é maneira como as alunas se apropriam desses conhecimentos. Nota-se pelas respostas que os fatos históricos do passado são tomados como algo estático e definitivo, previamente dado, que elas relacionam com as atuais condições do sistema educacional atual, na maioria das vezes de forma negativa; o passado constituído é tomado como regra para um “não agir” de determinada forma de modo a “construir um futuro melhor”.

Com a última pergunta ensejou-se dar mais liberdade às alunas para que estas pudessem demonstrar como se apropriaram dos conhecimentos históricos ensinados na disciplina. Das treze alunas que responderam ao questionário, duas alunas não responderam à questão, uma aluna respondeu à questão fazendo críticas ao sistema educacional atual quanto a sua organização, administração e falta de recursos, seis alunas reconstruíram cronologicamente a instituição dos sistemas escolares no Brasil (chegada dos Jesuítas, Reformas Pombalinas, laicização do ensino e etc.), uma aluna entendeu que a pergunta se referia à disciplina História da Educação no Brasil e comentou sobre, e três alunas responderam a questão com uma síntese mais elaborada sobre a história da educação escolar no Brasil.

Aluna 1: Como já mencionei a história da Educação no Brasil específica foi um dos conteúdos que menos estudamos. No entanto, sabemos que hoje a educação no Brasil está em momento de reformulações políticas, e espero que seja para grandes evoluções. Acredito que estamos em processo de avanço, muito já foi alcançado com as transformações históricas que estudamos, mas ainda há muito o que se buscar para que se consiga de fato uma Educação de qualidade para todos.

Aluna 3: A história da educação escolar no Brasil foi um processo difícil, lento, muitas vezes embutido de interesses arbitrários e contraditórios, porém contribuiu para a evolução efetiva da sociedade e porque não dizer do próprio homem. Atualmente temos as escolas organizadas tanto educacionalmente, quanto estruturalmente,

conquista importante e significativa. Embora sabemos que muito temos que fazer ainda para tornar esta escola um espaço para a conquista da cidadania e do conhecimento com qualidade.

Aluna 5: A raiz da Educação Brasileira se baseia em uma prática excludente e elitista. O acesso aos bancos escolares era privilégio de uma minoria portadora de prestígio e influência social. Ao longo da história e em todas as etapas da escolarização este fato é recorrente, inclusive atualmente. A escola laica, pública e gratuita, como proposta pelo Estado hoje, garante acesso a “todos” os brasileiros, porém a condições diferentes daqueles que podem usufruir dos serviços da educação privada.

Percebe-se, nestes casos, que a história (os fatos objetivos, as coisas que aconteceram no tempo) da educação escolar no Brasil foi adquirida pelas alunas em questão e tornou-se assunto do conhecimento consciente, ou seja, tornou-se subjetiva. As três alunas são professoras do Ensino Fundamental e ao fazerem a síntese da história da educação escolar no Brasil relacionaram os fatos objetivos da história com suas vivências, tornando-os subjetivos. Os conhecimentos históricos foram interiorizados, ou seja, houve uma aprendizagem, mas não a ponto de servir de promover qualquer transformação no sujeito que na pessoa que os aprender, não a ponto de serem exteriorizados na resposta.

3.4 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A ausência de uma apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e presumir o futuro como preconiza Jörn Rüsen para a formação da consciência histórica por meio do ensino de História levou a determinadas respostas, por parte das alunas do Curso de Pedagogia da UEL, que não favorecem a consecução do aprendizado histórico nos termos propostos pelo autor. Para Rüsen (2010), a mobilização da consciência histórica enquanto aprendizagem histórica só pode ser verificada quando traz à tona um aumento na experiência do passado humano, tanto quanto um aumento da competência histórica que dá significado a esta experiência, e na capacidade de aplicar estes significados históricos aos quadros de orientação da vida prática.

A apropriação da história objetiva (os fatos, as coisas que aconteceram no tempo) pela aprendizagem histórica, segundo Rüsen (2007, p. 107), “é uma flexibilização (narrativa) das condições temporais das circunstâncias presentes da vida”, uma vez que ninguém se constituiria como sujeito se aprendesse somente a história objetiva; é preciso, “por uma apropriação mais ou menos consciente dessa história, construir sua subjetividade e torná-la a forma de sua identidade histórica” (RÜSEN, 2007, p. 107).

As respostas das alunas às perguntas propostas no questionário permite inferir que a disciplina História da Educação possibilita um aprendizado histórico, principalmente a partir dos problemas pelo qual o sistema escolar brasileiro padece, possibilitando uma posição crítica frente às políticas educacionais, mas não chegam a mobilizar aquelas operações mentais que potencializem a consciência histórica, pois, “a consciência histórica será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no cotidiano” (RÜSEN, 2010, p. 17). Nesse sentido, de acordo com a teoria da história de Rüsen, a história não pode ser considerada como uma perspectiva do que foi, e os acontecimentos históricos não podem ser interpretados como dados puros, mas sim relativizados a partir de lacunas suscitadas no presente.

Rüsen (2010) apresenta quatro formas de aprendizado histórico: a tradicional, a exemplar, a crítica e a genética. Na forma tradicional do sentido da experiência temporal, as experiências temporais serão processadas pelas tradições (redes simbólicas dentro das quais vigoram os acordos que possibilitam a vida social) que conduzem as ações e são aceitas como orientações da vida prática. Na forma exemplar, as experiências temporais serão processadas a partir de regras gerais que conduzem as ações e os conteúdos históricos são interpretados como casos de regras gerais, formam-se “como condição necessária para um emprego prático na vida da adquirida competência de regras de juízo” (RÜSEN, 2010, p. 46). Na forma crítica, as experiências temporais adquiridas serão negadas “e será feito valer as necessidades e interesses subjetivos”, assim, o aprendizado histórico servirá para “obtenção da capacidade de negar a identidade pessoal e social do modelo histórico afirmado” (RÜSEN, 2010, p. 46). Na forma genética, as experiências temporais “serão empregadas em temporalizações da própria

orientação das ações”, assim, os sujeitos aprendem, ao adquirirem experiência histórica, “considerar sua própria autorrelação como dinâmica e temporal” e compreendem sua identidade

como ‘desenvolvimento’ ou como ‘formação’, e ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiência do passado e expectativa do futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria vida prática (RÜSEN, 2010, p. 46).

Essas formas de aprendizado histórico, propostas por Rüsen (2010, p. 47), servem para “distinguir e interpretar fases e níveis do desenvolvimento da consciência histórica” e “a disposição das formas de aprendizado em sua ordem lógica de desenvolvimento deixa-se entender como consequência estrutural de um aumento de experiência qualitativo e duradouro”.

Ao que parece, a partir da análise das alunas, é que a disciplina História da Educação propicia uma aprendizagem histórica na forma exemplar do sentido da experiência temporal, pois, ensina regras gerais do agir, ou no caso das respostas, do não agir. Desta maneira, “histórias do surgimento, da evolução e do desaparecimento de estruturas políticas transmitem os ensinamentos de como a dominação se modifica sob determinadas circunstâncias”; assim, “os entendimentos abstratos e gerais, apresentados às regras, são transportados para uma série de exemplos históricos e, por meio deles, consolidados” (RÜSEN, 2007, p. 51).

Como citado anteriormente, a maneira como se ensina história afeta sua aprendizagem e a habilidade de se orientar e formar uma identidade histórica estável e coerente (RÜSEN, 2010). Rüsen (2007) adverte que o saber histórico pode vir a ser percebido pelos alunos como um ramo morto de conhecimentos. Isto acontece, segundo o autor, porque os conhecimentos aparecem “como massa de informações a serem decoradas e repetidas para satisfazer professores, com o mero objetivo de tirar boas notas” (RÜSEN, 2007, p. 30), perdendo qualquer valor relativo no modo como os alunos pensam seu tempo, sua vida e seu mundo.

Stephanou (1998, p. 3) salienta que “o ensino de história, mais do que outras disciplinas escolares, tem se constituído em solo fértil para a memorização, a repetição, o *monólogo* do professor, um espaço propício para a ideia de saber pronto, acabado, que resta apenas transmitir” (grifo do autor). Outra

questão abordada por Stephanou (1998, p. 3) é que a história acaba sendo transmitida para os alunos como algo externo a eles, restando a estes, “uma vez que se situa numa situação de não-saber”, assimilar os conhecimentos.

Clarice Nunes (2003, p. 133), ao narrar sua experiência como professora da disciplina História da Educação nos Cursos de Pedagogia declara que

geralmente, os estudantes admitem que a matéria é necessária, às vezes interessante, sempre difícil. Consideram o conhecimento histórico como algo dado. Para eles, o professor diz a verdade porque o que se sabe está correto. Não distinguem evidências de informação e não sabem explicar o que faz o historiador, ou acreditam que seja alguém que lê documentos para simplesmente transmitir o que neles leu.

A professora Marta Fávaro, em pesquisas realizadas sobre o ensino de História da Educação na Universidade Estadual de Londrina, constatou, a partir de conversas em sala de aula, que os alunos têm dificuldade de compreender os conteúdos ministrados na disciplina. Para a professora, esta dificuldade reside no fato de que

às vezes a frágil compreensão do objetivo do curso dificulta a significação dos conteúdos da disciplina. Às vezes a fragilidade está, na forma como propomos e conduzimos o trabalho com os conteúdos e, na percepção ainda não suficientemente elaborada por nós da mobilização que os alunos estão fazendo, ou não, para a apreensão daqueles conteúdos (FÁVARO, 2011, p. 9).

Para Rüsen (2007), esta perda de sentido depende, em grande parte, da forma como esse conteúdo é transmitido em sala de aula. Estas considerações levam a um segundo ponto. Assim como as alunas do Curso de Pedagogia passaram por esse processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio, as professoras também. Esse processo de escolarização acaba gerando marcas que permanecem e acabam sendo reproduzidas. Outra questão a ser considerada é que, futuramente, essas mesmas alunas serão também professoras do Ensino Fundamental, como preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia.

Em parte, segundo Hobsbawm (1995), essa desvalorização da História é decorrente do que o autor considera como um dos traços mais característicos da época atual: a destruição do passado. Para o autor

a destruição do passado [...] é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importante que nunca no fim do milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Para Saviani (2008, p. 152), os cursos de formação de educadores estão vivendo essa mesma situação, pois, “parecem mover-se num ‘presente contínuo’ em decorrência do esquecimento da história”. Para o autor,

embora presente em sua prática cotidiana, tende a ser sistematicamente esquecido: que a situação na qual o trabalho educativo se processa, os avanços e recuos, os problemas que os educadores enfrentam são produtos de construções históricas. Nessa condição, sofrem, por um lado, as determinações do passado; mas, por outro lado, assim como a educação anterior foi produto da ação dos que nos precederam, nós, educadores atuais, também temos a prerrogativa de agir sobre o presente e mudar-lhes os rumos (SAVIANI, 2008, p. 152).

O fato é que só promove-se a aprendizagem a partir de práticas significativas. Para Nunes (2003, p. 121), prática significativa “é aquela que desinstala, que reorganiza a nossa estrutura de conhecimento e nos mobiliza para a ação. É aquela que repercute interiormente do ponto de vista dos afetos e da cognição”. Mas, para que isso aconteça, a aprendizagem da história tem que ser considerada pelos alunos como significativa em termos pessoais, de forma a lhes proporcionar uma compreensão mais profunda da vida humana e de sua profissão.

Como, então, tornar a História significativa? Para Rüsen (2001, p. 88) ela é significativa à medida que consegue relacionar

as experiências do tempo passado com as intenções projetadas de seus destinatários. As histórias articulam, ademais, o acervo experiencial da memória e o superávit intencional característico da vida prática de seus destinatários, a fim de evitar que desamboquem num futuro vazio, e sim num futuro que, realisticamente, se pode esperar.

É necessário, de acordo com Rüsen (2007, p. 30), “desenvolver uma vivacidade que conduza seus destinatários a vê-lo e apropriá-lo como parte de sua vida pessoal”. Nesse contexto

a consciência histórica tem por objetivo, pois, extrair do lastro do passado pontos de vista e perspectivas para a orientação do agir, nos quais tenham espaço a subjetividade dos agentes e sua busca de uma relação livre consigo mesmos e com seu mundo (RÜSEN, 2007, p. 34).

Nesse sentido, reforça-se aqui a necessidade de se rever a importância da disciplina História da Educação na formação do pedagogo e qual o tipo de saber que esta vem produzindo tanto quanto a forma como esses conteúdos vem sendo ministrados, pois, o mínimo que se espera de um professor é que este seja capaz de refletir sobre sua disciplina, de compreender as razões que conduziram à profissionalização de seu campo acadêmico e de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico (NÓVOA, 1999).

Recentes estudos têm demonstrado, segundo Magalhães (2005), que as produções científicas das últimas décadas têm tentado uma renovação epistêmica e consolidação da História da Educação na área disciplinar e científica, tanto no âmbito das Ciências da Educação quanto na Ciência Histórica. Este efetivo movimento renovador têm demonstrado que a História da Educação é um discurso científico sobre o passado, mas também é memória e paradigma. É memória enquanto preservação do acervo educacional e é paradigma

quanto ao pensar, ao dizer, ao escrever, ao projetar e ao agir em educação, facultando uma informação coerente, evolutiva e explicativa, mas constituindo-se também como um dos principais argumentos e conteúdos da racionalidade e da ação (sic) educativa. [...] Tomando o presente/passado na sua complexidade e na sua gênese e analisando-o por uma lógica de múltiplas hipóteses de desenvolvimento futuro, por contraposição a esse mesmo futuro, o historiador procura conhecer e explicar toda a complexidade dos fenômenos educativos, construindo um sentido para a história (MAGALHÃES, 2005, p. 98)

De acordo com Nóvoa (2001), vem acontecendo também um movimento de reconceitualização do espaço e do tempo da reflexão histórica, pois, “já não nos serve uma definição puramente cronológica do tempo” e por isso, já

“não podemos continuar a considerar o espaço e o tempo como entidades autônomas (sic), ignorando que tendem a fundir-se numa mesma realidade” (NÓVOA, 2001, p. 165).

Estes são aspectos que precisam ser considerados conjuntamente e devem ser incorporados nos programas de ensino da disciplina História da Educação. Uma vez considerada nesses termos, a disciplina História da Educação forneceria ao pedagogo um base sólida para a sua formação e construção de sua identidade social. Seus conhecimentos históricos perderiam a função de apenas informar e normatizar e passariam a funcionar como problematizantes e indagadores da realidade educativa, no sentido de contribuir para a resolução dos problemas educacionais atuais.

Mas para que este propósito se concretize, a disciplina teria que passar por uma renovação conceitual e metodológica, ou mesmo por uma mudança radical como propõe a professora Maria Luiza Abbud, no sentido de se repensar a disciplina a partir de um novo objeto, definido a partir das necessidades do pedagogo de compreender os processos que constituíram, e porque não dizer, colocaram em *xequê*, sua profissão e seu campo de trabalho: a escola. Dentre os caminhos possíveis, um deles poderia ser aliar a pesquisa e o ensino de História da Educação aos pressupostos teóricos anunciados por Rüsen arrolados nesta pesquisa.

Partindo das considerações acerca das necessidades e possibilidades de conhecimentos exigidas ao pedagogo (professor, pesquisador e gestor), os contributos de Rüsen e sua teoria da história e os elementos configuradores de sua matriz disciplinar, com vistas à formação da consciência histórica e do pensamento histórico, cujo intuito é outorgar, a partir do conhecimento histórico, orientação para a vida prática e construção de identidade individual e social, traz valiosas contribuições para o ensino e a pesquisa da História da Educação.

CONCLUSÃO

Já dizia António Nóvoa (2005, p. 10) que “toda a *acusação* suscita uma *defesa*” (grifos do autor).

Nesta pesquisa abordaram-se questões referentes à História da Educação e seu ensino no curso de Pedagogia. Viu-se anteriormente neste estudo que a disciplina História da Educação foi apontada como responsável por cumprir funções e efeito doutrinário e moralizador e de oferecer lições para o presente ou matéria para reflexão filosófica sobre os fins da educação. De fato, a disciplina serviu a estes propósitos durante muito tempo, o que, de certa forma, deixou marcas profundas as quais se tem feito grandes esforços para superá-las.

Com esta pesquisa o que se pôde contatar, é que vem se consolidando, a partir do final da década de 1990, um movimento de reflexão sobre o ensino de História da Educação, cujo objetivo é demonstrar sua relevância, pertinência e atualidade, no que se refere à formação do pedagogo, tanto por parte de professores, quanto por parte de pesquisadores. Nessa direção, a História da Educação tem feito a crítica a suas tradições e têm repensado seus objetos.

As entrevistas com as professoras Maria Luiza Abbud e Marta Fávaro demonstraram essa preocupação com a redefinição do objeto de estudo da disciplina e suas contribuições para a formação do pedagogo. Os programas da disciplina indicam que, a partir da década de 2000, sob a influência da História Cultural, a disciplina assumiu como objeto de estudo a organização das instituições escolares e os protagonistas da ação educativa: os professores. De acordo com a professora Marta Fávaro (2011), o motivo para tal redefinição no foco da disciplina foi tentar aproximar as futuras pedagogos do seu campo de trabalho, para que pudessem apreendê-lo, a partir de sua história, de modo a fortalecer e constituir sua identidade.

De fato, como aponta Gatti Junior (2005, p. 80), tem-se feito um esforço investigativo relacionado ao campo da história das instituições educativas almejando-se “dar conta dos vários sujeitos envolvidos no processo de educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado desses espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem [...]”. Ampliando as análises de Gatti Junior para o contexto do curso

de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, o que se pode perceber a partir do questionário realizado com as alunas é que, apesar de todos esses esforços, esse objetivo não vem se efetivando. Poucas alunas teceram relações entre os conteúdos de História da Educação e seu campo de atuação profissional, no caso em questão, a escola. As análises e relações tecidas pendem muito mais para discursos (alguns críticos) sobre questões políticas e econômicas da educação no presente (o que não deixa de ser importante e necessário à formação do pedagogo) do que propriamente para uma abordagem histórica sobre o ser pedagogo e sua atuação em um contexto social.

Tal constatação também não passou despercebida pelas professoras Maria Luiza Abbud e Marta Fávaro. Ambas as professoras, em suas entrevistas, demonstram estarem preocupadas com a significação que os alunos do curso têm dado aos conhecimentos advindos da História da Educação e em que medida estes têm sido apreendidos e, até mesmo, se compreendem a importância destes estudos para a formação do Pedagogo, em consonância com os objetivos desta pesquisa. Este foi o motivo pelo qual as professoras resolveram pesquisar o ensino da disciplina História da Educação, objetivando “criar um espaço de reflexão e sistematização sobre o papel da História da Educação na formação do pedagogo” (FÁVARO, 2011, p. 8).

Neste sentido, os esforços investigativos desta pesquisa caminharam na tentativa de contribuir para o debate e possível equacionamento destas questões, aproximando as pesquisas efetivadas no campo do ensino de História da Educação às pesquisas efetivadas no campo do ensino de História. As investigações operadas no campo do ensino de História, ancoradas nos pressupostos de Rüsen, pressupõem que o aprendizado histórico deva ter por objetivo “concretizar e diferenciar a competência narrativa” (RÜSEN, 2010, p. 47).
Para o autor

uma interpretação teórica narrativa do aprendizado histórico pode determinar seus objetivos como conhecimento técnico e ao mesmo tempo como vida prática, na medida em que a narrativa histórica os tematiza ao mesmo tempo como operação constitutiva da consciência histórica: enquanto função da vida prática do pensamento histórico e enquanto referência histórica particular a ele. [...] O suprasumo da capacidade que se em que adquirir, mediante o aprendizado histórico, para a orientação temporal da própria vida prática, pode ser designado de competência narrativa. É ela que constitui a qualificação à qual todo aprendizado histórico está, ao fim e ao cabo, relacionado (RÜSEN, 2010, p. 47).

Para tanto, as reflexões de Jörn Rüsen sobre os fundamentos da consciência histórica e sua matriz disciplina serviram de suporte teórico para oferecer possibilidades de caminhos a se trilhar em busca de um ensino de História da Educação significativo e provocador, objetivando mobilizar e desenvolver o pensamento histórico dos alunos levando-os a construir, a partir dos conhecimentos da História da Educação, uma totalidade representativa, evolutiva e inteligível do fenômeno educativo e, por consequência, da sua profissão. Desde que a educação seja pensada, como propõe Magalhães (2011, p. 187), como

uma via de *humanitude*, essa complexa meta que as sociedades e os sujeitos vão construindo, num jogo de probabilidades futuras do seu próprio presente e num diálogo crítico e esclarecido com o passado, a História e, particularmente, a História da Educação têm um papel determinante” (grifo do autor)

tornando, então, válida a hipótese norteadora desta pesquisa.

É nesse contexto investigativo mais amplo que se delineou este estudo. Acredita-se que algumas indagações foram respondidas, porém outras (muitas) lacunas foram abertas possibilitando estudos futuros com vista à superação do discurso linear e justificativo das práticas do presente que marcou, até pouco tempo, a historiografia da educação.

REFERÊNCIAS

ABBUD, M. L. M.. História da Educação no Curso de PEDAGOGIA 1960 a 1990 - FFCLL e UEL. In: **EDUCERE**, 2007, Curitiba - PR. EDUCERE - Saberes docentes, 2007. p. 955-965. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-103-04.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2011.

ABBUD, Maria Luiza Macedo; FAVARO, M.R.G.; JUNIOR, CELSO LUIZ. História das Instituições Educativas: O Curso de Pedagogia da UEL (1960 a 2005). In: **ANPED SUL - VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2010, Londrina - PR. ANPED SUL 2010 - Formação, Ética e Políticas: Qual pesquisa? Qual Educação?, 2010.

BASTOS, Maria Helena Câmara; BUSNELLO, Fernanda de Bastani; LEMOS, Elizandra Ambrósio. A Disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002). **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas-RS, v. 10, n. 19, p. 173-180, abr. 2006. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe/revista/rev-19.pdf>. Acessada em: 11 de julho de 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da educação nacional. In: SCHUCH, Vitor Francisco (org.). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Magistério**. 4. ed. Porto Alegre: Sulinas, 1972, p. 13 – 36.

_____. Congresso Nacional. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e a sua articulação com a escola média, e dá outras providências. In: SCHUCH, Vitor Francisco (org.). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Magistério**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulinas, 1972, p. 98 – 110.

_____. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006, p. 1 – 6. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 22 Jul. 2011.

_____. Parecer n. 251/62. Currículo mínimo e duração do curso de pedagogia. Relator: Valnir Chagas. **Documenta**, Brasília, n. 11, p. 59 – 66, 1963.

_____. Parecer n. 252/69. Currículo mínimo e duração do curso de pedagogia. Relator: Valnir Chagas. Ministério da Educação e Cultura. CFE. Currículos Mínimos dos Cursos de Graduação. Brasília, 1981.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: Busca e movimento**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

- BUFFA, Ester. Contribuição da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**, Brasília, ano IX, n. 47, p. 1-19, jul./set. 1990. Disponível em:
<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/736/656>. Acesso em: 10 de julho de 2011.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Considerações sobre o Ensino da História da Educação no Brasil. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 33-45.
- CHERVEL, André, (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, nº 2, p. 77-229, Porto Alegre.
- CHAGAS, Valnir. **Formação do Magistério: Novo sistema**. São Paulo: Atlas, 1976.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; RODRIGUES, José Roberto Gomes. A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 26, jul./dez. 2003, p. 159-175. Disponível em:
<http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE6.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.
- FAVARO, M.R.G. . O Ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação - invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil, 2011, Vitória Es. : VI Congresso Brasileiro de História da Educação - invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil, 2011.
- FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Reflexões sobre o Ensino e a Pesquisa da História da Educação Brasileira. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, 47-67.
- FRAGO, Antonio Viñao. História de La educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, set/out/Nov/dez, nº 0, 1995, p. 63-82.
- GATTI JUNIOR, Décio. História da Educação no Brasil: inovações temáticas e metodológicas. In: LOMBARDI, Claudinei (et al.) (orgs.). **Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação No Brasil": "O Debate Teórico-Metodológico da História e a Pesquisa Educacional "**, 1997, Campinas. Campinas-SP: HISTEDBR, 1997, p. 276-279.
- _____. História da Educação, Instituições e Cultura Escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 71-90.

_____. Percurso histórico e desafios da disciplina História da Educação no Brasil. In: GATTI JUNIOR, Décio e PINTASSILGO, Joaquim (orgs.). **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2007, p. 99-164.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre História**. Tradução: Cid Knipel Moreira. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LOURENÇO FILHO, Manoel B.. Educação Comparada. In. LOURENÇO FILHO, Ruy e MONARCHA, Carlos (orgs). Educação Comparada / : / Manoel Bergström Lourenço Filho. 3 ed. Brasília: MEC/Inep, 2004.

MAGALHÃES, Justino. A História das Instituições Educacionais em perspectiva. In: GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 91-103

_____. O Ensino de História da Educação. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de e GATTI JUNIOR, Décio (orgs.). **O Ensino de História da Educação**. Vitória-ES: EDUFES, 2011, p. 175-210.

MARTINS, Estevão de Rezende. Historicidade e consciência histórica. In: SCHIMIDT, M. A; BARCA, I.; MARTINS, E de R. (orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba-PR: Ed. UFPR, 2010, p. 7-10.

NÓVOA, Antonio. **História da Educação: percursos de uma disciplina**. Lisboa /Portugal: Universidade de Lisboa. Texto produzido em 1996. Acesso em 01 ago 2010. Site em construção sob a responsabilidade professor António Nóvoa.

_____. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. **Revista Brasileira de História da Educação/Sociedade Brasileira de História da Educação-SBHE**, v. 1, jan/jun, 2001, p. 161-166.

NUNES, Clarice. O ensino da história da educação e produção de sentidos em sala de aula. **Revista Brasileira de História da Educação**. Curitiba, n. 6, jul./dez. 2003, p115-158. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE6.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2010.

_____. A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas-RS, n. 19, p. 173-180, abr. 2006. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe/revista/rev-19.pdf>. Acessada em: 11 de julho de 2011.

RODRIGUES, José Roberto Gomes. O Ensino de História da Educação: um olhar reflexivo a partir da análise de planos e programas curriculares. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de e GATTI JUNIOR, Décio (orgs.). **O Ensino de História da Educação**. Vitória-ES: EDUFES, 2011, p. 175-210.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Tradução: Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Traduzido por Valdeci Araujo e Pedro S. P. Caldas. **História da Historiografia**, n. 2, março, 2009.

_____. Desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. Tradução: Sílvia Finocchio. In: SCHIMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E de R. (orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba-PR: Ed. UFPR, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Reflexões sobre o ensino e a pesquisa em História da Educação. GATTI JUNIOR, Décio e INACIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, 2005, p. 7-31.

_____. O Debate Teórico e Metodológico no Campo da História e sua Importância para a Pesquisa Educacional. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. e SANFELICE, J. L. (orgs.). **História e história da Educação: o Debate Teórico Metodológico Atual**. 3º Ed. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2006, p. 7-15.

_____. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 Jul. 2011.

_____. História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. especial, 2008, p. 147-167.

SILVA, Carmem Silvia Bissoli. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. **Revista Brasileira de história**. São Paulo, v. 18, n. 36, 1998, p. 1-12. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200002. Acesso em: 22 de fev. de 2012.

TUMA, Magda Madalena. Da escrita de intenções aos discursos sobre o processo histórico: o caso da História da Educação como disciplina e campo de pesquisa no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: a Educação e seus Sujeitos na História, 2006, Goiânia.** Goiânia-GO: SBHE, 2006, p. 03 – 08.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. **Resolução CEPE nº 46/2005.** Reformula o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia a partir do ano letivo de 2005 (com alterações introduzidas pela Resolução CEPE nº 272/2005). Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/pp/documentos/pedagogia_2005.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. **Resolução CEPE/CA nº 187/2006.** Reformula o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura a ser implantado a partir do ano letivo de 2007. Disponível em: http://www.uel.br/prograd/pp/documentos/pedagogia_2007.pdf. Acesso em: 25 jul. 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. **Resolução CEPE/CA nº 0109/2009.** Reformula o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura a ser implantado a partir do ano letivo de 2010. Disponível em: http://www.uel.br/prograd/docs_prograd/resolucoes/2009/resolucao_109_09.pdf. Acesso em: 25 jul. 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 37-70. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 10 de julho de 2011.

WARDE, Mirian Jorge. Contribuições da história para a educação. **Em Aberto,** Brasília, ano IX, n. 47, p. 1-19, jul./set. 1990. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/735/655>. Acesso em: 10 de julho de 2011.

_____. Questões teóricas e de método: a História da Educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luís. **História e história da educação.** 3º Ed. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2006, p. 88-99.

ANEXOS

ANEXO A
Instrumento para coleta de dados – Questionário para discentes

1. INFORMAÇÕES PESSOAIS:

IDADE: _____ SEXO: _____

2. FORMAÇÃO:

2º GRAU: _____

OUTRA GRADUAÇÃO: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

3. INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS:

ATUA NO MAGISTÉRIO? _____

PARTICULAR: _____ PÚBLICO: _____

FUNÇÕES EXERCIDAS: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

- Quando e por que optou pelo Curso de Pedagogia?
- Por que estudar História da Educação no Curso de Pedagogia?
- Qual avaliação você faz da disciplina História da Educação quanto aos conteúdos ministrados?
- Que relação você faz da disciplina História da Educação com as outras disciplinas?
- Em que medida e de que forma a disciplina História da Educação contribui na formação do pedagogo e seu fazer social?
- Em sua opinião a disciplina História da Educação faz relações com as políticas educacionais e/ou problemas educacionais atuais?
- Que relações você faz entre o passado estudado na disciplina História da Educação e o presente e o futuro educacional brasileiro?
- Elabore uma breve síntese sobre o processo de formação dos sistemas escolares no Brasil.

ANEXO 2

Instrumento para coleta de dados – Questões norteadoras para entrevista semiestruturada

1. INFORMAÇÕES PESSOAIS:

NOME: _____

IDADE: _____ SEXO: _____

2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

GRADUAÇÃO: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

OUTRA GRADUAÇÃO: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

ESPECIALIZAÇÃO: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

MESTRADO: _____ ANO: _____

AREA DE CONCENTRAÇÃO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

DOUTORADO: _____ ANO: _____

AREA DE CONCENTRAÇÃO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

3. INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS:

TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: _____

PARTICULAR: _____ PÚBLICO: _____

FUNÇÕES
EXERCIDAS: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA COMO REGENTE DO:

ENSINO FUNDAMENTAL: _____ ENSINO MÉDIO: _____

ENSINO SUPERIOR: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

- Quando e por que veio dar aula na Universidade Estadual de Londrina?
- Desde o início dava aulas de História da Educação? Se não, qual foi a outra disciplina?
- Deu aula em outras licenciaturas? Se sim, quais licenciaturas?
- Qual era o conteúdo de História da Educação na sua graduação?
- A carga horária da disciplina História da Educação sempre foi a mesma? Por quê?
- O que se trabalhava como conteúdo de História da Educação quando você começou dar aulas no Curso de Pedagogia da UEL? E agora, quais são?
- Quanto aos procedimentos metodológicos, são os mesmos desde o início?
- O Curso de Pedagogia passou por diversas reformulações, entremeadas por contradições, implicando num determinado perfil social e profissional do Pedagogo. Como você vê a presença da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia nesse processo histórico? E hoje?
- E os alunos, como viam a presença da disciplina no curso? E hoje, você nota alguma mudança?
- Em face às exigências atuais do mercado de trabalho, tais como competitividade, produtividade, versatilidade adquiridas por meio de conhecimentos, habilidades e competências voltadas para um preparo técnico, o que se espera hoje do ensino de História da Educação? Como a disciplina História da Educação pode desenvolver o pensar historicamente nos alunos?
- De que forma a disciplina História da Educação contribui na formação do pedagogo e seu fazer social?
- Na atualidade é difícil explicar aos pedagogos iniciantes (dos primeiros anos) o porquê de precisarem tanto da História da Educação. Que argumentos poderiam ser utilizados para os convencer?
- Se apresentarmos a seguinte situação para os alunos do quarto ano de Pedagogia: “**Elabore em dez linhas uma síntese sobre a história da educação escolar no Brasil**”. O que você, professor de História da Educação, espera como respostas?
- Se fizermos a seguinte questão aos alunos do quarto ano de Pedagogia: “**Quais as contribuições que a disciplina de História da Educação trouxe para a sua formação como Pedagogo?**” O que você, professor de História da Educação, espera como respostas?